O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDAÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANO XXXV

ASSINATURAS: SEM ESTAMPILHA: ano 4$600 reis; semestre 2$350; trimestre 1$200; avulso 50 reis. COM ESTAMPILHA: ano 5$140; semestre 2$660; trimestre 1$350; avulso 55. As assinaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABADOS

Sabado 23 de outubro de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assina-se unicamente em Aveiro. As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscritos enviados á redação, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:594

E' um dos nossos correspondentes em Pariz Monsieur A. Loretto.—Rue Caumartin, 61.

SUMARIO:—As contribuições do estado.—Demonstração.—Eleições distritaes e municipaes.—Opinião insuspeita.—Eleições.—Noticias locaes.—Noticias diversas.—Novas de longe.—O Bussaco.—Homens ilustres, D. Luiz Antonio de Menezes, 1.º marquez de Marialva.—Sciencias, A via latea, *por Camilo Flamarion*.—Arabescos e miniaturas.—Bibliografia.—Parte oficial.—Telegrafia.—Folhetim, Perpetua das brenhas, *por Lorjo Tavares*.—Carta de Lisboa.

Aveiro

AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTADO

No nosso n.º de hoje vem publicado um edital da recebedoria d'esta comarca, annunciando a abertura do cofre no proximo mez de novembro para o pagamento de diferentes contribuições do estado, e entre elas a da decima de juros. Já por vezes temos ponderado os inconvenientes da conservação de similhante tributo. Não ha razão alguma que o recomende. Não é só vexatorio, é tambem iniquo. Não incide sobre o produto liquido de qualquer industria. Diz exátamente o contrario, porque representa uma exigencia desarrazoada sobre um valor negativo.

A decima de juros processa-se com o nome do devedor. O credor manifesta a escritura ou titulo e depois registra-o. Esta despeza é feita por quem pediu o dinheiro. Depois em devido tempo faz-se a matriz por freguezias, mencionando-se os dois nomes, a quantia pedida e o premio do dinheiro. E na epoca da cobrança mandam-se para a recebedoria os competentes conhecimentos de cobrança.

Em quasi todas as escrituras e titulos o juro do capital passa intáto para as mãos do credor. E' clausula essencial, que ali se menciona, e quando não se dá esta circumstancia, é condição verbal, proposta e aceite pelos interessados. N'estes termos ao premio do dinheiro acresce a decima de juros e os salarios devidos pelo registro e manifesto. E em vez do encargo sair a 5 ou 6, fica por 9 ou 10.

Não é só monstruoso, é iniquo, como já dissemos. Pois lança-se contribuição sobre uma riqueza negativa? Pois o estado tem direito a tributar as necessidades de cada um, porque quem vae pedir dinheiro emprestado, é porque precisa de ocorrer de pronto a um determinado encargo, pagando mais de juro do que lhe rendem as propriedades que possue?

Todo o imposto que não assenta n'um fáto determinado, que prove os recursos do individuo, é um imposto injusto e portanto insustentavel. Para as razões de ordem moral, a exigencia é uma tirania. Não póde aproveitar ao estado o encher o tarro fiscal com as lagrimas da miseria. E' uma barbaridade repugnante, contra a qual protesta a consciencia publica.

No concelho d'Aveiro a decima de juros regula por 1:267$000 reis, em quanto a contribuição de renda de casas e suntuaria produz apenas 1:432$000 reis! Se aquela é de mais, atenta a proveniencia, esta na verdade parece-nos mesquinha, não representando por consequencia o verdadeiro rendimento de cada predio. Mas é que a decima de juros provém da iniciativa do credor que não quer perder os seus direitos, em quanto as outras contribuições procedem de uns calculos feitos por louvados complacentes, que de preferencia atendem ás conveniencias dos visinhos, deixando de zelar os interesses da fazenda publica.

DEMONSTRAÇÃO

O sr. dr. Albano de Melo solicitou a sua exoneração do logar de governador civil do distrito de Castelo Branco. O governo porém, atendendo aos bons serviços prestados por s. ex.ª, não lha concedeu, provando assim a confiança que tem nas aptidões d'aquele inteligente magistrado, que apesar dos sacrificios que está fazendo longe da sua casa, e da sua familia, continua á frente da administração da mesma circumscripção administrativa.

ELEIÇÕES DISTRITAES E MUNICIPAES

Está fixado o dia 14 de novembro proximo para as eleições de procuradores á junta geral, e de camaras municipaes, que hão de instalar-se no dia 2 de janeiro futuro, e funcionar durante o trienio de 1887 a 1889.

Estas eleições são feitas já na conformidade das disposições do novo Codigo Administrativo, que só ficará em plena execução depois da instalação dos corpos administrativos agora eleitos.

No nosso distrito, o partido progressista não tem oposição nos concelhos de Agueda, Anadia, Arouca, Aveiro, Estarreja, Mealhada, Oliveira do Bairro, Castelo de Paiva, Macieira de Cambra, e Vagos; e só tem de lutar, mas com todas as probabilidades de uma gloriosa vitoria, nos concelhos de Albergaria, Feira, Sever do Vouga, Oliveira d'Azemeis, Ilhavo e Ovar.

E' pois quasi certo que os partidos coligados da oposição não consigam fazer eleger no distrito de Aveiro nem uma só camara municipal, nem um só procurador á junta geral.

Nem outro resultado se podia esperar da boa marcha dos negocios publicos em todo o paiz, e especialmente no nosso distrito, sob o impulso das sabias medidas governativas.

OPINIÃO INSUSPEITA

Pertence ao *Jornal do Comercio*, e tudo leva a crer que seja escrito pelo sr. conselheiro Antonio de Serpa, o artigo que passamos a transcrever e que é uma resposta frisantissima aos jornaes da oposição:

«O sr. ministro da justiça Veiga Beirão abandonou por alguns dias as suas funções de ministro, e foi, como candidato legal e unico, que era, antes de ser ministro, a uma cadeira do Instituto Industrial, apresentar-se ao exame, perante o jury d'aquela escola.

Alguns jornaes da oposição, sem negarem a competencia da pessoa, censuram o procedimento do ministro. Nós louvamol-o.

E' mau partir de principios absolutos em assuntos em que tudo é relativo. O mesmo procedimento póde ser avaliado de maneira diversa, conforme a epoca, o paiz e as circumstancias, conforme o *meio*, no sentido que a filosofia moderna atribue a esta palavra. N'outras circumstancias, e tendo competidores, era censuravel que um ministro fosse competir com elles, valendo-se da sua elevada posição, porque podia haver a suspeita de que a inegavel influencia d'ela tornasse a competição desegual, e o concurso ilusorio. Mas não é este o caso de que se trata. Era o ministro o unico candidato legal habilitado, e dão-se outras circumstancias importantes da epoca e da ocasião. Quando os governos, ainda sem ditadura, dispõem livremente de muitos empregos publicos, sem a necessidade de concursos nem de habilitações; quando dispõem, repetidas vezes d'estes empregos, que a lei declara de livre nomeação, em favor de amigos pessoaes ou politicos, sem dotes que os recomendem, sem habilitações, sem tirocinio nas carreiras publicas, preterindo antigos e habeis funcionarios, e abusando da intenção da lei, que só momente faculta a livre escolha, para que o ministro possa escolher os mais dignos: quando ha quem entre na vida politica sem nenhumas convicções politicas, e só para obter um bom emprego do favor ministerial; quando se procura obter uma posição politica para isto, e para outras coisas muito peiores; n'estas circumstancias o procedimento do sr. ministro da justiça deve ser olhado á uma luz especial. O logar que ele procurou obter pelas suas habilitações, pelo seu estudo e por um concurso publico, é um logar muito honroso, mas modesto.

Na sua posição politica, podia obter dentro de pouco tempo um emprego mais bem remunerado, se a politica fosse para ele um meio e não uma convicção, que póde ser errada, mas que é honrada.

N estas circumstancias, e por causa d'estas circumstancias, louvamos e aplaudimos o procedimento do sr. ministro da justiça. Ha ocasiões em que a honestidade, que é um simples dever, se torna uma qualidade. E' esta qualidade que aplaudimos.»

ELEIÇÕES

No *Diario* veio publicado o seguinte decreto:

«Devendo proceder-se á eleição de todos os corpos administrativos, que teem de entrar em exercicio no dia 2 de janeiro do proximo ano: hei por bem, na conformidade do disposto no art. 406 do Codigo Administrativo, aprovado por decreto com força de lei de 17 de julho ultimo, decretar o seguinte:

Artigo 1.º E' fixado o domingo, 14 do proximo mez de novembro, para se proceder ás eleições de procuradores ás juntas geraes dos distritos e para as das camaras municipaes, e o domingo 5 de dezembro proximo para as eleições das juntas de paroquia.

Art. 2.º Nos trabalhos preparatorios d'estas eleições, nas operações eleitoraes e nas de apuramento, observar-se-ão as disposições do novo Codigo Administrativo.

Art. 3.º Os governadores civis das ilhas adjacentes, quando deixem de ter conhecimento do presente decreto a tempo de poderem ser praticados os átos eleitoraes nas epocas destinadas, mandarão proceder ás eleições nos circulos de suas jurisdições nas epocas e prasos que forem compativeis com as distancias e meios de comunicação.»

Noticias Locaes

Melhoras.—Progridem as melhoras do digno presidente do conselho, o sr. José Luciano de Castro. E' caso de dar o parabem ao enfermo ilustre, que pelo seu trabalho assiduo, pela sua inteligencia brilhante e pela sua probidade inconcussa ganhou a posição em que se acha colocado, a maior que se conhece no regimen constitucional. E de parabem são egualmente crédores a sua extremosa familia, o partido de que s. ex.ª é chefe, o rei de quem é amigo dedicado, e o paiz a quem tem servido com zêlo e honestidade.

O sr. conselheiro José Luciano deve regressar a Lisboa na proxima semana.

Apontamentos de carteira.—Esteve n'esta cidade, seguindo hontem para o Porto, o nosso estimavel amigo e confrade o sr. João Crisostomo Melicio, digno deputado por Leiria, e proprietario e diretor do *Comercio de Portugal*.

Esteve n'esta cidade o sr. dr. Luiz da Silva Ataide, respeitavel cavalheiro de Leiria.

Partiu ante-hontem para Coimbra a ex.ma sr.ª D. Eugenia da Costa e Almeida, em companhia de seu pae o sr. Costa e Almeida. Este cavalheiro foi consultar a medicina ácerca do estado de saude de sua filha, que parece achar-se bastante doente.

Fazemos votos pelas melhoras de tão simpatica senhora, que é o enlevo dos seus e que n'esta cidade é geralmente estimada.

Já regressou da sua casa da Beira o sr. João de Barros Coelho de Campos. S. ex.ª parte brevemente para Lisboa, onde vae fazer tirocinio para o posto de major.

Já regressaram de Espinho á sua casa da Bairrada os srs. marquezes da Graciosa e condes da Foz d'Arouce.

Regressaram mais: Da Costa Nova do Prado a ex.ma sr.ª D. Amelia Rebocho Freire d'Andrade e Albuquerque; e da Torreira o sr. dr. Rui Couceiro da Costa e sua ex.ma familia. Da mesma praia regressou a sua casa de Vilarinho a ex.ma familia do sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa.

Está na sua casa da Oliveirinha, o ilustre deputado por este circulo, sr. dr. Francisco Matoso.

O sr. dr. José de Abreu Bacelar, juiz de direito de Anadia, retirou já de Espinho, mas achando-se muito doente e não podendo por isso entrar em exercicio, seguiu para Condeixa.

Está já completamente boa, o que estimamos, a ex.ma sr.ª D. Andreia da Gloria Fernandes Pereira.

Estão em S. Jacinto o nosso amigo e distinto facultativo d'esta cidade, sr. dr. Pereira da Cruz e sua ex.ma esposa.

Estão tambem em S. Jacinto a ex.ma sr.ª D. Carolina de Moraes Ferreira, digna esposa do nosso amigo o sr. Miguel Ferreira d'Araujo Soares, e sua ex.ma filha, D. Carolina Alzira de Moraes.

Pelo seu melindroso estado de saude, regressou a esta cidade o digno administrador de Ponte de Sor, sr. João Antonio de Souza, o que sentimos.

Fez anos no proximo passado dia 21, o nosso estimavel amigo, sr. dr. Manuel Pereira da Cruz. Foram a S. Jacinto passar este dia com suas ex.as os seus extremosos paes e os de sua ex.ma esposa. A nós, que por motivos superiores, não podemos acompanhal-os, cabe-nos o dever d'um abraço, bem sincero e bem amigo.

No dia 22 fez tambem anos a ex.ma sr.ª D. Graziela Maria de Vilhena, simpatica filha do nosso colega n'esta redação, sr. J. E. d'Almeida Vilhena. Os nossos sinceros parabens.

Na quarta-feira esteve aqui o nosso amigo e digno abade da Arrifana, o sr. padre Manuel de Oliveira e Costa.

Visitou-nos no mesmo dia o nosso bom amigo e digno abade de Esmoriz, o sr. padre Roberto Gonçalves de Sá.

Veio a Aveiro na quinta-feira o nosso delicado amigo, o sr. Bernardino Maximo Tavares de Araujo e Silva Albuquerque, ilustre chefe do partido progressista em Albergaria Velha.

Na sexta-feira andou em Aveiro o nosso ilustrado amigo, o sr. dr. Joaquim Pereira da Silva Amorim, ex-administrador do concelho de Sever do Vouga.

Já chegou, e tomou posse do seu logar de professor de inglez no liceu nacional d'esta cidade o nosso inteligente amigo, o sr. Albino Dias Ladeira de Castro, antigo e habil professor oficial de francez e inglez na Figueira da Foz.

Incomodo.—Tem passado incomodado, na sua casa de Dardavaz, o muito digno abade d'aquela freguezia, o sr. Antonio C. Monteiro Machado, caráter respeitavel e nosso muito presado amigo. Pelo seu pronto restabelecimento fazemos ardentes votos.

Falecimento.—Faleceu em Torres Novas o sr. Angelo Gualter Ribeiro Couceiro da Costa, capitão de artilheria. Era novo ainda e natural de Aveiro.

A toda a sua respeitavel familia os nossos pezames.

Serviço importante.—O digno diretor telegrafo-postal d'este distrito, o nosso prestimoso amigo, o sr. Joaquim José dos Prazeres, acaba de prestar um bom serviço ao publico, estabelecendo mais caixas do correio, nas praças do Commercio e do Peixe, onde eram muito necessarias para comodidade geral.

O quartel.—Vão progredindo gradualmente as obras do novo quartel—D. Carlos. Além do serviço de alvenaria, aparelho de cantaria, e feitura de portas, janelas, etc., com respétiva pintura, estão-se tambem a preparar as armas reaes, com o competente trofeo de bandeiras, em granito, que devem ornamentar o frontão, e cujo labor d'uma perfeição notavel está confiado ao reputado canteiro, sr. Silva.

O novo bairro.—Continuam em desenvolvimento as edificações no novo bairro dos Santos Martires. No Rocio tambem se vão construir mais casas, assim como tambem no sitio das Olarias.

Sem graça.—Alguns dos nossos colegas da capital entreteem-se em meter a ridiculo o sistema de ortografia simplificada do sr. dr. Barbosa Leão, estropiando o portuguez a seu bel-prazer. Não é bonito, porque não é leal.

Feira da Oliveirinha.—Fez-se no dia 21 este importante mercado mensal, sendo bastante concorrido de gado, e até suino, de que appareceram já alguns cevados.

Desastre.—Em Arnelas um carro de bois passou por cima do rapaz que o guiava, e que ficou logo morto. A familia móra no logar da Preza e está inconsolavel. A infeliz creança costumava acompanhar o pae n'aquela labutação. Nada fazia esperar tamanha catastrofe.

O cadaver foi conduzido para o cemiterio, onde a autoridade judicial mandou levantar o competente auto e fez proceder á autopsia. Os peritos declararam que a morte tinha sido o resultado d'aquele atropelamento.

O preço da vaca.—A carne fresca desceu n'esta cidade, em consequencia da concorrencia d'um novo talho, 20 reis em kilo.

Movimento maritimo.—Acharam-se surtos no nosso porto 15 navios com carregamento de sal, dos quaes alguns sahiram na quinta-feira, entrando outros.

Sal.—Tem sahido bastante sal pelo caminho de ferro.

Tempo.—Está bom apenas para as órvas, que crescem e que se desenvolvem admiravelmente. Chove quasi sempre e o caráter que o dia apresenta é de continuação de chuva.

Trabalho no mar.—Houve-o desde quarta-feira até hontem, e hontem, por que o mar embraveceu um pouco, nem todas as companhas trabalharam. As que conseguiram transpor o banco, pescaram sardinha, mas pouca. Está está no mercado por 1$450 reis o milheiro.

Noticias Diversas

Enlace auspicioso.—Efectuou-se ha poucos dias em Correlos, concelho do Carregal, o enlace matrimonial do nosso amigo e parente o sr. Antonio da Costa Lima, de Parada de S. João d'Areias, com a ex.ma sr.ª D. Maria Emilia Guarinho, da Figueira. Foram padrinhos o digno vigario do Barreiro o sr. José da Costa Lima, irmão do noivo e a ex.ma sr.ª D. Mariana Paes de Lima, tia. O noivo é um joven simpatico e a noiva uma senhora dotada de excelentes qualidades.

Desejamos aos novos conjuges um porvir repleto de prosperidades.

L. P. O.

Conde de S. Salvador de Matosinhos.—A proposito da vinda a Portugal d'este benemerito da colonia portugueza no Rio de Janeiro, escrevem as *Novidades*:

«Chegou hoje a Lisboa um dos portuguezes que pelo trabalho ativo e honesto mais tem sabido engrandecer e honrar o nome do seu paiz em terra estranha. O conde de S. Salvador de Matosinhos, coração rico de sentimentos generosos, e capitalista abastado de haveres, é a providencia de todo o compatriota que se encontre no Rio de Janeiro. Basta ser-se portuguez para que n'ele se encontre logo um protétor solicito e um amigo desvelado.

Com estas raras qualidades, o conde de S. Salvador de Matosinhos conseguiu crear no Brazil um novo imperio: um imperio em que ele é reconhecido como czar absoluto; um imperio que é formado por toda a populosa colonia portugueza, que o aclamou, sem um voto discrepante; que o sagrou chefe com verdadeira unção religiosa, e que d'ele recebe com inteira veneração os seus *ukazes*, *ukazes* que nunca foram senão para fins caridosos, para socorrer os pobres ou desvalidos que aqui, ou lá, precisem de pão, ou reclamem auxilio.

Este imperio no imperio—quasi que oficialmente foi reconhecido pelo governo brazileiro. Muitos dos negocios respeitantes á colonia tratam-se diretamente com este monarca, que assim conseguiu fazer aceitar uma realeza—que tem o trono no coração e no amor dos emigrados agradecidos. Póde haver alguma soberania mais invejavel?

O conde de S. Salvador de Matosinhos teve ao sair do Rio para esta viagem á patria uma demonstração extraordinaria e imponente de consideração e saudade, como era de razão. Nunca ali se fez uma despedida assim. A uma das testemunhas oculares ouvimos nós contar, com entusiasmo e comoção, a funda impressão que lhe causára o ver mais de cinco mil compatriotas, na margem, agitando lenços,—quasi todos com lagrimas, que arrancava a saudade por aquele que partia e que provocava a lembrança comovedora da patria tão distante!...

A bordo vieram mais de tres mil pessoas despedir-se do benemerito conde de Matosinhos. O governo brazileiro e diversas corporações tomaram parte n'aquelas manifestações.

Todo o corpo diplomatico tomou parte n'esta manifestação. A nossa legação e consulado estiveram *grand complet*. Diréções de bancos, sociedades de socorros, etc., tambem estiveram todas.

Como era de justiça, o sr. conde foi recebido hoje a bordo d'uma galeota, que foi expressamente recebel-o. A Associação Comercial, direção do Banco de Portugal e outras, e muitas pessoas, foram imediatamente ali e acompanharam depois o benemerito patricio. S. ex.ª demora-se em Lisboa tres dias, contando ir depois de ámanhã apresentar os seus respeitos á familia real.

Ponte D. Luiz.—O tabaleiro superior da ponte D. Luiz no Porto é aberto á circulação no dia 31 do corrente, anniversario natalicio de sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I. Diz-se que á ceremonia da inauguração assistirão as autoridades civis e militares, sendo a benção lançada pelo sr. cardeal D. Americo.

Comboios expressos entre Lisboa e Porto.—Principia na proxima segunda feira, 25 de outubro, o serviço de comboios rapidos entre estas duas cidades, fazendo a viagem em 8 horas, tanto na ida como na volta.

Os comboios partem de Lisboa ás segundas feiras e sabados ás 4 horas da tarde e chegam ao Porto á 1/2 noite. Do Porto, partem aos domingos e terças-feiras ás 2 horas e 20 minutos da tarde, chegando a Lisboa ás 10 horas e 20 minutos da noite.

Cada comboio é composto de um *Sleeping Car* dos maiores e mais comodos que possue a Companhia, e de um salão restaurante com meza redonda ás 6 da tarde.

O preço de cada *fauteuil* e sama ao *Sleeping Car* é de 8.990 reis, do Porto a Lisboa e vice-versa. O serviço do restaurante é separado.

Os bilhetes para estes comboios, vendem-se até ao meio dia, na estação Central—rua do Sá da Bandeira, e na estação de Campanhã, desde a 1 hora da tarde, até 5 minutos antes da partida dos comboios.

Despacham-se bagagens, em uma e outra estação, nas condições dos comboios ordinarios.

Ha tambem meios bilhetes para crianças. O numero de lugares é limitado.

Os bilhetes de cada comboio são numerados, não se vendendo mais do que os que comportarem cada carruagem, sendo por isso conveniente tomar os lugares com antecipação na estação Central. O comboio rapido pára nas seguintes estações:

Aveiro, Pampilhosa, Coimbra (bifurcação) Pombal, Entroncamento e Santarem. O *Sleeping Car*, muito conhecido no estrangeiro, é uma carruagem de luxo, extremamente comoda, com compartimentos separados, para uma, duas, tres, e quatro pessoas.

Tem magnificos *fauteuils* que de noite se transformam em comodos leitos.

Tem belos, *toilettes*, *retretes*, *gabinetes de leitura* etc.

Conflito entre estudantes.—Dizem de Coimbra em data de 21.—Houve hontem uma grave desordem entre academicos, mesmo dentro dos Geraes. Conta-se o facto pela seguinte fórma: Um estudante do quarto ano de direito altercou com um do quinto ano da mesma faculdade, e este deu-lhe uma bofetada. Um archeiro que estava proximo prendeu o quartanista; e os alunos do quarto ano, entenderam que a prisão fôra mal feita, levantaram-se contra o archeiro que maltratáram. O curso do quinto ano tomou a defeza do companheiro, e assim se generalisou a desordem entre os dois cursos. O guarda-mór tambem foi atacado, lançando lhe um dos estudantes as mãos ao pescoço, e seria vitima, se não fossem dois outros empregados da Universidade, que, por modos brandos para com os academicos, conseguiram que deixassem o guarda-mór.

A comparencia do sr. dr. Manuel d'Oliveira Chaves e Castro, lente do 4.º ano, poz termo á desordem n'aquele dia, porque os seus alunos entraram logo para a aula.

Diz-se que os tumultos continuarão ámanhã, e já se fala em serem riscados dois estudantes.

Universidade de Coimbra.—São em numero de 1:333 as matriculas realisadas este ano na Universidade. Eis a sua distribuição: Teologia, 35; direito, 428; medicina, 63; matematica, 186; filosofia, 353; hebraico (cadeira anexa á faculdade de teologia), 3; economia politica, 22; curso de farmacia, 13; analyse chimica, 16; curso de desenho matematico, 102; curso de desenho filosofico, 104; aula de musica, 7; curso administrativo, 1.

A matricula dos primeiros anos das cinco faculdades, é a seguinte: Teologia, 14 (mais 6 do que no ano escolar findo); direito, 114 (mais 20 do que no ano escolar findo); medicina, 13; matematica, 119; filosofia, 121.

Visitas dos juizes aos cartorios dos escrivães.—Consta que vae ser ordenado aos juizes das diferentes comarcas do reino, a visita aos cartorios de sua dependencia, visando as cartas e diplomas dos respetivos escrivães, oficiando em seguida á presidencia das Relações de Lisboa ou Porto sobre o estado em que taes cartorios se acham.

Tratado entre Hespanha e Portugal.—O sr. Moret já apresentou á assinatura da rainha regente de Hespanha o decreto dispondo a publicação do tratado celebrado entre Portugal e Hespanha, e estabelecendo desde o 1.º de dezembro proximo a troca de dinheiro entre as duas nações por meio de vales do correio.

Companhia do teatro de D. Maria II.—A companhia de D. Maria II esteve 102 dias no Brazil, dando 96 recitas. O produto d'elas foi de 200:000$000 reis, moeda brazileira.

Prognosticos de tempestades.—Dizem as *Novidades* que são do sabio Noerleson os seguintes:

No dia 24 chegará do Atlantico á Europa uma tempestade na direção O. S. O. E. N. E. Não será de grande intensidade, mas bastante extensa, pois que estará comprehendida entre os 35º e 55º de latitude, d'uma parte, e desde o Atlantico até á Asia, por outra.

Na peninsula iberica terá o seu centro entre Porto e Lisboa, e será um dia de chuva torrencial.

No dia 25 a tempestade seguirá para o canal da Mancha e mar do Norte, na direção do golfo de Genova, isto é N. O. S. E. pelo que na Hespanha se limitará a sua ação de N. O. e mar Cantábrico.

No dia 27 chegará a Europa um grande cyclone, que passará pela America nos dias 24 e 25 e tomará a direção S. S. Os paizes em que se sentirá com mais violencia serão as ilhas britanicas, canal da Mancha, Belgica e Holanda, Alemanha ocidental, Peninsula escandinava e mar Baltico.

No dia 28 é o nucleo de cyclone, que comprehenderá toda a Europa e se estenderá pela Asia, produzindo chuvas copiosas por toda a parte. Em Hespanha será um dia de vento forte e muito chuvoso. No dia 29, por admiravel compensação de forças e para equilibrar a transtornada machina atmosferica, tão perturbada nos dias anteriores, dominará um anti-cyclone de N. E. S. O. tão violento como o cyclone, e partindo do mar glacial artico atravessará toda a Europa na direção referida. As consequencias d'este anti-cyclone serão: uma baixa consideravel na temperatura, chuvas copiosas em toda a parte e em muitos pontos neve.

Vinhos da Beira.—Estão concluidas as vindimas nas margens do Dão. A quantidade do vinho é irregularissima. Ha proprietarios que tiveram mais de metade da colheita de 1885, outros menos de metade, e alguns ainda menos de uma terça parte. Deverá porém orçar por metade da ultima colheita. A qualidade porém é excelente. Esperam-se por isso preços convidativos. E' o que d'ali nos diz um cavalheiro muito respeitavel.

Colheitas de vinho, azeite e cereaes.—E' do *Agricultor Portuguez* a seguinte noticia:

Está completa a colheita dos cereaes de pragana e muito adiantada a dos milhos e quasi terminada a dos vinhos.

A colheita foi menos de mediocre em cereaes e vinho, e isto tanto considerada em relação aos dois ultimos anos, que foram de melhor colheita, como absolutamente.

As causas da menor produção foram tambem comuns a estes, como a outros produtos s já por vezes têem sido indicadas: o frio que reinou até 13 de junho e especialmente nas ultimas semanas de maio e primeiras de junho, anulando os orgãos reprodutores ou fazendo cair as flores e impedindo a fecundação, explicam a pequena produção dos frutos de todas as colheitas.

Mas o mal foi ainda aumentado com o calor rapido, intenso, continuado, que veio completar a obra do frio; aquele agente atmosferico foi de tal intensidade, que chegou a marcar 40º á sombra no posto meteorologico da quinta da Roêda ou estação ampelo-filoxerica do Pinhão, e esta influencia fez-se bem sentir na produção da vinha no Alto Douro, onde, áparte os estragos da filoxera, a produção regulou, em geral, por metade do ano passado.

Estas influencias fizeram-se tambem sentir poderosamente sobre as oliveiras, que, tendo em geral bom aspéto, perderam a maior parte do fruto, esperando-se por isso uma produção escassa.

Não foi por conseguinte um ano feliz; os cereaes, especialmente entre nós, são d'uma dificil produção, e, a não ser o milho, que possa suceder a um ferrejo, ou ser creado simultaneamente, como no Minho succede, com as hervas, mal se podem cultivar. A despeza que demandam é grande, o producto pequeno e encontram no mercado a grande concorrencia dos produtos similares da America, que parece destinada a ser o celeiro do mundo. Ainda assim a produção em vinho é absolutamente importante, e este produto da nossa lavoura, rico, como é, em côr e extrato seco, faz muita conta ao comercio francez que o procura para alimentar as suas operações, apesar de tambem recorrer a outros mercados.

Homem de sete oficios.—Lê-se no *Monitor de Bouças*:

«A proposito do Reportorio *Borda Leça*, todos sabem que o seu autor pertence a este concelho da Maia, porque n'ele reside ha muitos anos. E' o sr. Rafael Carlos Pereira de Sousa, morador na freguezia de Moreira, aldeia de Pedras Rubras. Nasceu na cidade de Vizeu a 3 de março de 1821, e habita na Maia desde 1847.

Este homem tem sido ferrador, pintor, alfaiate, tamanqueiro, fogueteiro, alveitar e astronomo. Tem carta de veterinario, é professor particular, lecionando pelo metodo João de Deus, e sabe as artes do sapateiro e funileiro.

Além disso, aprendeu a lingua franceza sem mestre.

E' como já dissemos, o autor do *Almanach Borda Leça*, que tem saido regularmente todos os anos, desde 1850. E tem tambem publicado outros livros sobre astronomia, pyrotecnica e veterinaria.

Afogados n'uma dorna.—Um rapaz que ha dias pizava uvas n'uma dorna, ahi para os lados de S. Pedro do Sula morreu afogado no vinho que a mesma continha. A mãe, que notou a demorada ausencia do filho, correu a procural-o. Ao debruçar-se na dorna, fel-o com tanta precipitação, que encontrou a morte. Succumbiu no mesmo logar onde o filho querido, pouco antes, déra o ultimo suspiro!

Despachos administrativos.—Verificaram-se ultimamente os seguintes:

João Augusto de Faria, exonerado, a seu pedido, de administrador substituto do concelho da Camara de Lobos.

Manuel Joaquim Lopes, nomeado administrador substituto do concelho da Camara de Lobos.

Bernardino Maximo Alvares de Araujo Tavares de Silva Albuquerque, exonerado, a seu pedido, de administrador de Albergaria.

Bacharel José de Barros e Sousa, transferido de administrador da Ponta do Sol para Machico.

Nuno de Freitas Pestana, nomeado administrador do concelho da Ponta do Sol.

Francisco de Paula Durão, nomeado administrador substituto do mesmo concelho.

Despachos d'obras publicas.—Jeronimo Gonçalves da Costa, nomeado distribuidor supranumerario com exercicio no concelho de Arcos de Vale de Vez.

Carolina Neves Barreto, desempenhando o logar de encarregado da estação de 5.ª classe em Macieira de Cambra, e Antonio José Fernandes, encarregado da estação de identica classe em Castelo de Paiva; autorisados a permutarem as respétivas colocações, como requereram.

Francisco Antonio Pinto, aspirante auxiliar com exercicio na administração dos correios e telegrafos do Porto, e Manuel Joaquim Ferreira Lima, com exercicio na direção telegrafo-postal de Aveiro; autorisados a permutarem as respétivas colocações, como requereram.

Egrejas a concurso.—Estão a concurso as seguintes:

A dos Cunhados (Nossa Senhora da Luz), concelho de Torres Vedras, diocese de Lisboa.

Aldeia das Dez (S. Bartolomeu, concelho de Oliveira do Hospital, diocese de Coimbra.

Alvarenga (Santa Cruz), concelho de Arouca, diocese de Lamego.

Ameixial (Santo Antonio), concelho de Loulé, diocese do Algarve.

Arcozelos (Nossa Senhora de Entre Vinhas), concelho de Moimenta da Beira, diocese de Lamego.

Bustelo da Lage (S. João Batista, concelho de Sinfães, diocese de Lamego.

Caminha (Nossa Senhora da Assumção), concelho de Caminha, diocese de Braga.

Carrapichana (S. Lourenço), concelho de Celorico da Beira, diocese da Guarda.

Cativelos (S. Sebastião), concelho de Gouveia, diocese da Guarda.

Chavães (S. Martinho), concelho de Tabuaço, diocese de Lamego.

Esperança (S. Bartolomeu, concelho da Povoa de Lanhoso, diocese de Braga.

Ervedosa (S. Vicente), concelho da Pesqueira, diocese de Lamego.

Gloria (Nossa Senhora da Gloria), concelho de Extremoz, diocese de Evora.

Molares (Santo André), concelho de Celorico de Basto, diocese de Braga.

Nagozêlo (Santa Maria Magdalena), concelho da Pesqueira, diocese de Lamego.

Passô (S. Tiago), concelho de Moimenta da Beira, diocese de Lamego.

Sameice (S. Martinho), concelho de Ceia, diocese da Guarda.

Sande (S. Tiago), concelho de Lamego, diocese de Lamego.

Sepins (Nossa Senhora da Graça), concelho de Soure, diocese de Coimbra.

S. Cosmado (S. Cosme e Damião), concelho de Armamar, diocese de Lamego.

S. Tiago Maior (S. Tiago), concelho do Alendroal, diocese de Evora.

Tangil (Salvador), concelho de Monsão, diocese de Braga.

Vila do Bispo (Nossa Senhora da Conceição), concelho de Vila do Bispo, diocese do Algarve.

Vinha da Rainha (S. João Batista), concelho de Cantanhede, diocese de Coimbra.

O Papa.—Circulou ultimamente em Italia que Sua Santidade Leão XIII desfalecera repentinamente com uma syncope. «Il Secolo», jornal de Milão, tratou de adquirir noticias diretas de Roma, e foi informado de que o Papa sofrera algum desfalecimento fisico por causa da fadiga que lhe causára a preparação da encyclica dirigida aos prelados de Portugal, e da carta-protesto contra a agitação anti-clerical de Italia.

N'este ultimo documento Leão XIII parece que indicará a possibilidade de abandonar Roma, se continuar a perseguição da Italia contra a Santa Sé.

Tabaco do Douro.—Terminou no Douro, diz um colega, a colheita do tabaco e começou-se a descer dos secadouros para o colocar nas bancadas onde recebe um principio de preparação que o dispõe para as grandes medas de fermentação.

Para descer o tabaco do secadouro é necessario que a folha se tenha tornado macia depois de ter secado completamente na pagina e que a nervura esteja muito reduzida, quebradiça e da côr geral da folha. Depois de colocada na bancada a folha não deve aquecer nem humedecer, e com tal fim se escolhem casas secas e bem ventiladas, para a arrecadar e fermentar; a boa fermentação e uma rigorosa escolha da folha, ao fazer a classificação para *emanocar*, podem corrigir muitos defeitos provenientes da agricultura.

O tabaco do Douro é este ano menos bom, no geral, que no ano passado, o frio que reinou até 13 de junho prejudicou-o muito; ainda assim houve colheiteiros, como os srs. Barão das Lages, dr. Pinheiro e Antonio Teixeira, da casa do Poço de Lamego, e outros que tiveram magnifica colheita em qualidade e quantidade, apesar de o segundo d'estes cavalheiros ter a sua plantação em terra de encosta do Alto-Douro.

Alguns dos plantadores teem desanimado por não colherem ao fim do primeiro ano de seus ensaios todo o resultado que esperavam: pois é necessario que se lembrem que a terra da vinha não está preparada para o tabaco; é indispensavel por principio adotar só os calços de terra mais fundavel, preparal-os com cultura de batata, grão ou outro, estrumar e cavar muito, e só depois no segundo ou terceiro ano d'esta preparação se poderá meter o tabaco na terra para ter qualidade e quantidade. Com terra bravia, mal estrumada e pouco cavada, o tabaco é grosso e amargo.

Invasão filoxerica.—No ultimo numero do *Agricultor Portuguez* lêem-se as seguintes informações com respeito á invasão da filoxera:

«A inspeção das vinhas deu ultimamente em resultado a descoberta de mais duas freguezias invadidas pela filoxera nos concelhos de Gouveia e Poiares, julgados até aqui indenes.

Com esta descoberta ficam, no distrito da Guarda, considerados indenes só os concelhos de Trancoso e Manteigas, e não será por muito tempo.

Este distrito, como os de Vila Real, Bragança e Vizeu, está invadido quasi na totalidade, e os de Coimbra, Aveiro, Santarem e Lisboa para lá marcham.»

Com razão se recomenda a adoção do sulfureto para combater o terrivel inimigo da vinha.

Comercio de Vinhos.—No *Diario do Governo*, acaba de ser publicado um relatorio do representante de Portugal em Marrocos, sr. José Daniel Colaço, ácerca do comercio, navegação, industria e agricultura no distrito consular de Tanger. Relativamente ao comercio de vinhos, lê-se n'esse documento o seguinte:

«No meu relatorio, datado de 19 de novembro de 1884, indicava eu que nada se perderia por serem enviadas tres ou quatro pipas de vinho como experimento. Não faltou quem ahi fizesse a prova, remetendo pequenas partidas de vinho que foram vendidas, e em 1885 o numero de pipas do vinho de pasto portuguez vendidas aqui sóbe a umas quarenta, representando um valor aproximativo de reis 2:000$000, calculadas as pipas umas com outras a 50$000 reis cada uma.

Uma grande parte d'esse vinho é do Algarve, que está no gosto das classes pobres e mesmo das abastadas d'este paiz, pelo seu agradavel sabor e preço barato, visto ser trazido em barcos d'aquela provincia com pouca despeza de transporte diretamente ou por Gibraltar. Entre o dito vinho figura tambem o proveniente da casa exportadora de vinhos do Porto, de Vila Nova de Gaia, do sr. Antonio Pinto dos Santos Junior, que, com a melhor vontade, e comprehendendo que é preciso obrar com perseverança, tratando-se de um paiz como este, continua a enviar algumas partidas de vinho de pasto, e tambem remeteu um certo numero de caixas de vinhos engarrafados, das quaes tem sido vendida boa parte, principalmente o de meza denominado «Douro clarete.» Este vinho e o de pasto em barris de 4.º vae tendo aqui aceitação, que com o andar do tempo, uma vez acertando o nosso exportador com o vinho que mais convém ao paladar d'estes consumidores, e chegadas que sejam as facilidades comerciaes que se esperam dos novos pactos internacionaes, muito ha-de aumentar, pelas boas qualidades que caracterisam o vinho portuguez, quando escolhido para fazer vantajosa concorrencia com o estrangeiro.»

Vinho novo.—O preço do vinho novo, em Famalicão, regula entre 18$000 e 26$000 reis cada pipa.

O preço da carne. — Do *Agricultor Portuguez*:

«Os bois de engorda que, com o vinho, faziam a principal fonte de receita do agricultor do Minho e outras regiões do norte de Portugal, continuam e conservam ha mais de um ano grande tendencia para a baixa e, apesar d'isto, a carne nos talhos mantém-se nos altos e anteriores preços.

Quando acabará este monopolio dos cortadores? Melhorando um pouco os preços os creadores poderiam tentar o aperfeiçoamento das raças e da alimentação no sentido de produzir mais carne em menos tempo, para ter algum resultado economico.

E' necessario pensar n'isto, modificar e aperfeiçoar os processos, conforme as necessidades do mercado e de modo a vencer a concorrencia.»

Novas de Longe

O imperador Guilherme. — O *Figaro* escreve o seguinte a proposito do estado de saude do imperador da Alemanha:

«O imperador chegou a Baden muito fatigado pelas manobras da Alsacia e Lorena, e sofrendo muito. O velho monarca adquiriu de ha muito uma doença de bexiga que se agrava com o exercicio, tornando-se-lhe até penivel o andar de carruagem.

O desmaio do imperador, por ocasião da revista passada no poligono de Strasbourg, foi ocasionado por violentas dôres na bexiga, em seguida a ter andado quatro horas de carruagem.

A 2 de outubro, achando-se melhor, o imperador quiz voltar ao seu genero de vida habitual, apesar dos conselhos dos medicos e das pessoas que o rodeiam e resolveu ir visitar uma senhora de Francfort, que costuma passar o verão em Baden, fazendo para isso uma longa jornada de carruagem, e passando, á noite, duas horas no concerto do salão de conversa.

Deitou-se bem disposto, mas na manhã seguinte não despertou á hora do costume e só ao meio dia, depois de se terem empregado remedios energicos, conseguiu sair do torpor em que tinha caido. As pessoas que o rodeiavam passaram tres horas n'uma anciedade cruel.

O imperador não poude assistir n'essa noite, como tinha prometido, ao fogo de artificio, nem tão pouco presenceou o *steeple chase* militar, como costumava todos os anos, e apenas no dia 7 se achou em estado de poder sair do seu quarto.

No dia 8 recebeu os chefes dos gabinetes civil e militar e M. de Bulou, ministro da Alemanha em Berne, o qual acompanha o imperador nas suas viagens, na qualidade de representante do ministerio dos negocios estrangeiros. No dia 9 assistiu a uma partida de *lawn-tennis*, e tomou café debaixo de uma barraca de lona, na alameda de Liechtenthal. A' noite, entretanto, sentiu-se mais fraco, e por este motivo não assistiu ao jantar em que compareceram o grão-duque e a grã-duqueza de Baden, os principes Hermann e Augusto de Saxe-Weimar, o principe e a princeza de Faustenberg, o grão-duque Michel, e a grã-duqueza Olga, os quaes deixaram Baden na manhã seguinte.

No domingo o imperador não saiu do seu quarto, e ás 6 horas o acesso de sono renovou-se, sendo o seu estado julgado bastante grave, a ponto de se telegrafar ao principe imperial.

No entretanto, na segunda-feira, 11, o imperador sentiu-se melhor, e as forças voltaram-lhe. Na terça-feira poude receber os tres funcionarios de que já falamos, e no dia seguinte deu audiencia ao novo arcebispo de Fribourg-en-Brisgau, o dr. Roos.

Desde esse dia o velho imperador continuou a responder aos despachos que recebe de Berlim duas vezes por dia, e alguem que teve ocasião de ver a sua assinatura afirma que ela apresenta a mesma firmeza.

N'uma palavra, o imperador teve em oito dias duas crises perigosas, que teriam arrebatado á vida um homem de uma constituição menos vigorosa. Desde domingo ultimo, 10, entretanto, recuperou forças e no dia 20 tenciona partir para Berlim, o que fará se não sobrevier uma nova crise. Todo o atraso que possa haver n'essa partida deve ser sinal de que essa crise se manifestou efétivamente, e n'esse caso não será tão benigna como as antecedentes, segundo a opinião dos medicos.»

Uma carta de Vilacampa á filha.—Quando o brigadeiro Vilacampa esteve no oratorio, esperando que fosse cumprida a sentença de morte a que fôra condenado, escreveu d'aquele triste sitio á filha, D. Emilia Vilacampa, a seguinte carta:

«Minha querida filha, meu orgulho e o meu maior afeto da alma.—Nascemos para morrer, e esta inegavel verdade é preciso que a tenhas presente n'estes momentos supremos. Tem o valor suficiente para sofreres o rude golpe que o destino te preparou.

«Estou orgulhoso de ti, do teu valor, da abnegação que empregaste para me salvar. Filha tão digna e pura como tu, com todo o genero de virtudes, não precisa de conselhos. Mas, apesar d'isso, só te darei um: que te resignes em vêr-me morto, mas honrado; d'este modo terás a consolação de que é preferivel isto a ser filha de um cavalheiro indigno.

«Não o olvides, minha querida filha, para que teu pae, que te abraça com toda a efusão do seu imenso e profundo carinho, possa morrer tranquilo.

«Sei que tua boa tia Maria, meus irmãos e parentes serão para ti paes afétuosos, e isto fortifica o meu valor.

«Animo, minha filha; o meu mais ardente desejo é que aquela que pela sua piedade filial toda a Europa admira, viva e seja mais tarde feliz, como pelas suas virtudes merece.

«Adeus, minha filha, outra vez te abraça teu pae.—*Manuel Vilacampa.*»

Casamento principesco.—Deve realisar-se no dia 6 do proximo mez de novembro, em Weimar, o casamento da princeza Isabel de Saxonia-Weimar com o duque João Alberto de Mecklemburgo. Haverá n'essa ocasião grandes festejos n'aquela cidade, devendo assistir a eles o principe imperial da Alemanha, o principe Guilherme da Prussia, o gran-duque de Mecklemburgo, sua mulher e irmãos, o gran-duque e a gran-duqueza Wladimiro da Russia, o principe Henrique VII de Reus e a princeza de Saxonia-Meiningen, o principe Hermann de Saxonia-Weimar e o principe Luiz de Baden.

Julgamento de dois generaes.—O tribunal correcional de Milão acaba de condenar os generaes Crotti e Mazzucchi por duelo.

Os acusados não compareceram, mas sim os seus respétivos padrinhos, os quaes confirmaram perante o tribunal a ata que reconhecia ao general Mazzucchi o direito de se considerar ofendido pelas violentas palavras do general Crotti.

O tribunal condenou o general Crotti a um mez de prisão e 150 francos de multa, e o general Mazzucchi a dez dias e 90 francos.

O hino real hespanhol.—Em um dos melhores jornaes musicaes da Alemanha, o *Musikalisches Wochenblat*, encontra-se a seguinte curiosa noticia com respeito á origem do hino real hespanhol:

«O imperador da Alemanha ordenou, ha pouco tempo, para comemorar o centenario de Frederico o Grande, a publicação das obras musicaes d'este célebre rei prussiano. Esta publicação tem suscitado na Alemanha um certo interesse e originado uma série de escritos relativos á historia de cada composição.

Provou-se agora, com o auxilio de alguns eruditos hespanhoes, que o hino nacional hespanhol, ou marcha real, não é de origem hespanhola, mas sim produção do rei da Prussia.

Um dia, Frederico entregou, gracejando, a sua composição ao embaixador de Hespanha. Este, que era apaixonado admirador do filosofo coroado, mandou a composição para Madrid e teve a satisfação de saber que havia sido recebida pela côrte com grande admiração.

A marcha real é, sem duvida, uma das musicas mais populares de Hespanha.

Quando o marechal Serrano, em 1869, ofereceu um premio para o melhor hino nacional, mais de quinhentas composições foram apresentadas. Uma comissão especial, depois de as haver examinado, foi de opinião que nenhuma d'elas era suficientemente boa para substituir a marcha real.»

A Europa armada.—Nos tempos atuaes, em que tanto se fala de exercitos, armadas e materiaes de guerra, vem a proposito os seguintes dados relativos aos orçamentos de marinha e de guerra das diferentes nações da Europa. Orçamentos de guerra: Inglaterra, 180.000:000$000 reis; Russia, 160:000:000$000 rs.; França, 150.000:000$000 reis; Alemanha, 110.000:000$000 reis; Austria, reis 110.000:000$000; Italia, 60.000:000$ reis; Hespanha, 40.000:000$000 reis; Turquia, 30.000:000$000 reis.

Orçamentos da marinha: Inglaterra, 5.000:000$000 rs.; França, 40.000:000$ reis; Russia, 60.000:000$000 reis; Alemanha, 1.200:000$000 reis; Italia, 10.000:000$000 reis; Hespanha, reis 6.000:000$000; Holanda, 5.000:000$ reis; Austria, 4.000:000$000 reis.

O efétivo dos exercitos de terra em pé de guerra: Russia 3.000:000 de homens; Italia, 2.000:000 homens; França, 1.800:000; Alemanha, 1.500:000; Austria, 1.000:000; Inglaterra, 676:156; Turquia 600:000.

O efétivo em pé de paz: Russia, 856:000; Italia, 480:000; Alemanha, 450:000; Austria, 400:000; Inglaterra, 250:000; Turquia 150:000; Hespanha, 125:000.

O numero de vasos de guerra: Inglaterra, 550; Russia 370; França, 360; Holanda 140; Alemanha, 100; Italia, 80; Austria 70.

As manufaturas do exercito em Inglaterra.—Acaba de ser publicado em Inglaterra um documento oficial contendo dados interessantes sobre os estabelecimentos de fabricos de armas e petrechos de guerra e outros artigos para o exercito, no ano financeiro de 1884-1885.

São oito esses estabelecimentos, dos quaes as despezas estão assim fixadas: Arsenal de Woolwich, 595:414 libras; Laboratorio Real de Woolwich, 868:731 libras; Fabrica de Gaz em Woolwich, 17:172 libras; Fabrica de Armas Pequenas, em Enfield, 359:141 libras; Fabrica de Birmingham, 32:192 libras; Fabrica de Polvora, Waltham Abbey, 109:276 libras; Fabrica de Uniformes, em Pimlico, 362:302 libras. Estes oito estabelecimentos representam, pois, uma despeza total de 2.876:876 libras (12:945 contos de reis).

Fabricas fechadas.—Telegrama de New-York, datado de 15, diz que, em consequencia de um acordo feito pela associação de fabricantes d'aquela cidade, iam fechar 59 estabelecimentos fabris do estado de Nova York, ficando por isso, sem trabalho, 25:000 operarios.

Receia-se que esta folga forçada produza graves disturbios.

Nos Estados-Unidos, assim como na Europa, a industria passa por uma grande crise, porque a produção é superior ao consumo.

O BUSSACO

O QUE ELE FOI E O QUE ELE E'; A FEBRE DO MODERNISMO; OBSERVAÇÕES E VOTOS SINCEROS

Pertence ao nosso colega da *Correspondencia de Coimbra* o artigo que segue, e que devéras aplaudimos.

Logo após a extinção das ordens religiosas, o Bussaco passou a ser uma propriedade nacional. Preciosidade rara no seu genero, entre nós, era então o sonho e enlevo dos veraneadores d'esse tempo. As longas *causeries* no adro iluminado á noite pelo esplendido luar de agosto, os serões passados no mosteiro em intimo e fraternal convivio, os passeios á Cruz Alta, ao Calvario, ás Aguas Ferreas e á porta de Coimbra, na hora melancolica do crepusculo da tarde, deixavam recordações indeleveis d'aquela mansão, onde as horas e os dias deslisavam serenos no mais completo esquecimento dos cuidados e canseiras da vida. Ali todos se procuravam levados por essa necessidade de comunicarem-se as suas reciprocas impressões. Ali obedecia-se sómente aos impulsos do coração, sempre generoso quando sobre o homem não pesam as conveniencias, a etiqueta, e esse viver de artificios, que por vezes desvirtuam até o que n'ele ha de sentimentos nobres. E era assim que o Bussaco atuava então no animo de todos. Poetas e prosadores, homens ou senhoras, jovens ou já provétos, todos achavam ali meio proficuo para se entregarem aos seus pensamentos diletos, ás suas distrações fovoritas.

Sob aquele céu de verdura, á sombra d'aquele copado arvoredo, ao tenue rumorejar das aguas, que deslisam mansamente, sob o velho této da arruinada capela, no meio d'aquele silencio amoravel, tão propicio as doces meditações, todo o homem cedia á influencia benefica d'aquele meio, e esquecido de si proprio deixava o seu espirito alar-se em liberdade aos espaços infindos de um fantasiar sem meta, ou caia n'uma d'essas doces *reveries*, especie de sonho que nos embala e delicia, do que desejariamos nunca despertar, tal é o enlevo em que ele nos sepulta.

Eis o que era, e o que em nós produzia o Bussaco d'esses tempos, em que tudo nos parecia falar ainda dos frades que n'ele habitaram.

Hoje... *non mutatus ab illo!*... palida sombra d'aquilo que foi, vae desaparecendo minada pela febre dos modernismos, que se obstina em apagar até o ultimo vestigio da sua feição primitiva.

Desapareceram já muitos atalhos e veredas da mata, verdadeiros tuneis de verdura com seus tapetes de relva e musgo, para dar lugar a umas estradas de mac-adam, d'onde se evolve uma poeira asfixiante. E para um melhoramento d'estes cairam a golpes de machado arvores seculares sacrificadas ao bem-estar d'uns visitantes sonolentos, que de longe em longe ali vão passeiar o seu tédio em desconjuntados vehiculos, que, não sei por que milagre, passam incolumes por aquele portão, verdadeiro Scycla e Carybdes, em que uma polegada a mais de roda, para a direita ou para a esquerda, daria lugar a uma catastrofe certa.

Desde que se transpõe o portão, vae-se envolto em pó, e sob os raios de um sol ardente até á Fonte Fria. Ali pasma o visitante diante de um escadorio imenso, esguio, e desairoso, encimado d'uma fonte microscopica, que só se torna visivel quando d'ela se aproxima. Um horror! Aquela escadaria ainda ha pouco apresentava á espaços umas bacias de configuração tão exquisita, que provocavam a hilaridade de quantos por ali passassem. Pobres bacias que desapareceram esmagadas pelo ridiculo, sendo substituidas por umas cascatas improvisadas por uns obscuros pedreiros da aldeia chamados—Alves—os unicos que ainda tentaram afeiçoar aquilo ao risco da primitiva escadaria. Só por isso deve-lhes o estado um monumento!

Mas o que nem os Alves nem pessoa alguma jámais conseguirá, é dar á escadaria uma forma soportavel. Que um regimento de pedreiros, armados de picaretas, derruam quanto antes aquela monstruosidade, e quando não mais, deixem a agua deslisar por ali abaixo em caprichosos meandros, o que será bem mais belo do que tel-a represada n'aquela construção desgraciosa, verdadeira perversão do bom gosto, negação formal dos mais rudimentares preceitos da arte.

Lucrará mais com isso o Bussaco e volverá ao eterno esquecimento a memoria pouco invejavel do seu construtor.

Chegando ao convento, o observador, que atento prescruta o que por ali vae, não consegue atinar com o motivo d'aquela aglomeração de casas, ha pouco levantadas em torno da veneranda fabrica, aglomeração tal, que do proprio mosteiro apenas se descortinam uns restos da velha frontaria.

E' um acervo de edificações garridas, espetaculosas, com todos os cambiantes do arco iris, umas arruadas, outras isoladas, mas todas como que dispostas a eliminarem da vista a unica cousa digna de ser ali admirada—o convento. O pouco que ainda d'ele se vê são os arcos da entrada revestidos de uns embrexados, obra dos taes Alves, os unicos ainda dispostos a respeitarem o velho monumento.

Esse pouco está já tão circumscrito, tão entalado entre as taes edificações mirabolantes, que, ao vel-a assim encolhida, quasi sumida, dir-se-ha que a pobre frontaria busca furtar-se, vexada, á parceria com as casquilhas que a cingem, e que se esforçam por expol-a á publica irrisão.

D'aquilo vê-se por ahi a cada canto, em qualquer praia de banhos, no mais obscuro burgo, e até nas casas da quinta de qualquer brazileiro endinheirado. Nem é bonito, nem melhor. Se um dia qualquer argentario se lembrar de erigir no adro um *kiosque*, um pavilhão chinez, ou coisa assim, desaparecerá totalmente das vistas o convento.

A capela de Santa Thereza sofreu sorte mesquinha. Caiu sob o camartelo destruidor para dar lugar a um *chalet* arrebicado, que, apesar das suas pretensões, não conseguirá nunca fazer esquecer a humilde capelinha, que as heras e outras trepadeiras tinham convertido n'um ninho de verdura escondido sob o docel d'aquelas arvores, que entretinham ali uma sombra misteriosa, e uma grata frescura. Já agora sejamos logicos. Converta-se tambem a fonte proxima em lavadouro publico, e, a golpes de machado, alargue-se uma área suficiente para amplo coradoiro de roupa.

O restaurante faz lembrar uma arca de Noé, que os enxurros de um diluvio arrastassem até áquele labirinto de formosissimas ruas, que conduziam á Santa Thereza, S. Silvestre, Porta da Rainha e Cruz Alta.

Quem hoje demanda aqueles lugares, esqueça-se de que está em plena mata, abra o amplo guarda-sol, e costeando o garboso edificio, sofra as consequencias do albeio capricho.

Qual, pois, a razão de tantas edificações quasi enctustadas no convento? Como explicar aquela furia de acumular pedra e caliça n'um lugar, onde nunca deveria consentir-se coisa que destoasse da unica e importante fabrica, que ali assenta? Não aventuro juizos com receio de errar. Deixo a cada um julgar o que melhor lhe ditar a sua razão esclarecida.

Eu não contesto a necessidade de construções taes, mas creio que bem melhor assentariam nas proximidades da mata, que devia estar reservada para passeios, e nunca para residencia, sobretudo de pessoas de saude melindrosa. Ha fóra de portas sitios bem mais azados para hoteis, e *chalets*, e isto com manifesta vantagem para os enfermos, aos quaes as humidades devem necessariamente prejudicar.

Quanto ao interior da mata, ha ali muito em que exercer a atividade com bem mais economia e acerto. Concertem-se as estradas, e onde abunda a agua, não é justo que o passeiante se asfixie em poeira.

Reparem-se as capelinhas, já tão deterioradas pelo tempo, ainda mais pela incuria, e sobretudo pelos vandalismos de uma turba ignara. Facilite-se o transito para as *aguas ferreas*, aproveitem-se melhor as aguas da fonte de Sula, aguas cuja virtude passou ha muito em julgado para esse série de variadissimos sofrimentos de estomago, que a sciencia reune sob o nome colétivo de dispepsias. Desobstruam a fonte de S. Silvestre, cuja agua vae quasi perdida. Abram caminho para a capela de Santo Antão, cuja existencia é por muitos ignorada á falta de atalho ou caminho que lá conduza, privando os visitantes de um dos pontos de vista mais pitorescos da mata.

Estou certo que d'estes e analogos trabalhos advirá bem mais renome do que de umas obras desenxabidas, de um merito duvidoso, e, o que peior é, destruindo o que ainda resta de antiguidades bem mais apreciaveis, que todos esses modernismos tão mal cabidos ali, onde a necessidade da conservação deve ser acatada com tanto mais respeito, quanto é certo, que não temos dois Bussacos no paiz.

Conserve-se-lhe esse cunho de originalidade, essas construções singelas levantadas por uns pobres frades sem outros recursos mais, que a fé que os animava e a vontade que os impelia.

Não foi intento meu irrogar censuras a ninguem. Descrevi a impressões que me proporcionou o Bussaco na minha ultima visita em agosto. Oxalá que emquanto é tempo párem n'essa marcha demolidora, que lhe vai tirando o pouco, que ainda possue.

Os cavalheiros que hoje presidem á direção da mata, que apenas conheço de nome, e que respeito pelo seu caráter honestissimo, rétas intenções, e suficiente ilustração, hão de, decerto, opor uma barreira tenaz a taes e tantos desacertos; ainda mais, buscarão restaurar o que d'isso precise, mas de modo a conservar a unidade d'aquele todo, o que pouco custa, e vale bem mais do que tudo quanto a vaidade e as aberrações do espirito ali introduziram de improprio e até condenavel.

Oxalá vejamos realisada, de futuro, a nossa espétativa para levantarmos bem alto o nome de quem, lutando contra os desvarios, se compenetrou mais e melhor do que o Bussaco vale e precisa. Confiamos n'isso, porque, ao que sabemos, sobra-lhes competencia, e anima-os a melhor vontade. E é quanto basta para conseguir muito, se não tudo.

Y.

HOMENS ILUSTRES

D. LUIZ ANTONIO DE MENEZES

1.º MARQUEZ DE MARIALVA

Uma das épocas mais notaveis para Portugal, foi sem duvida a da revolução de 1640 que libertou o paiz do jugo despotico de Hespanha, dando nos a independencia, e colocando no trono um rei portuguez, o duque de Bragança, D. João IV. Grandes átos de heroismo se registaram então.

No dia 1.º de dezembro de 1640, raiou a aurora da nossa liberdade, devido á dedicação e patriotismo de verdadeiros portuguezes, que em 12 do mez de outubro anterior se reuniram no palacio de D. Antão Vaz d'Almada, e combinaram a conspiração, que tão felizmente vingou.

D. Luiz Antonio de Menezes, filho do 2.º conde de Cantanhede, titulo que mais tarde erdou, por falecimento do seu pae, e que anos depois, em atenção aos relevantes serviços prestados á patria recebeu o titulo de 1.º marquez de Marialva, foi um dos mais intrepidos e valentes guerreiros, que se distinguiram n'essas lutas patrioticas, e um dos fidalgos que atacaram o paço, onde vivia a duqueza de Mantua. D. Antonio Luiz de Menezes descendia de familia muito nobre, e contava entre seus avós nomes dos mais ilustres.

El-rei D. Afonso V havia concedido em 1479, a D. Pedro de Menezes, o titulo de conde de Cantanhede, em uma só vida: porém, muito mais tarde, el-rei D. Filipe III renovou aquele titulo, por decreto de 21 de abril de 1618 em favor de D. Pedro de Menezes, presidente do senado da camara de Lisboa, o qual foi então o segundo conde de Cantanhede.

D. Pedro de Menezes era casado com D. Constança de Gusmão, filha de Rui Gonçalves da Camara, primeiro conde de Vila Franca. D'este consorcio nasceu o futuro marquez de Marialva, D. Antonio Luiz de Menezes.

Divergem alguns biografos a respeito da data do nascimento d'este insigne militar; parece, porém, que nos deve merecer maior credito o escritor coevo, conde da Ericeira, que no seu livro o *Portugal Restaurado*, nos dá em 1657, D. Antonio Luiz de Menezes, com perto de 60 anos de edade.

Continuas lutas se seguiram á revolução do dia 1.º de dezembro, provocadas pelos exercitos castelhanos, que procuravam energicamente passar as fronteiras de Portugal; D. Antonio Luiz de Menezes tomou parte muito ativa n'estas lutas; distinguindo-se sempre pelo grande arrojo e valentia.

Fôra nomeado coronel no proprio dia um de dezembro, quando se realisou a aclamação de D. João IV.

Organizou depois em Coimbra um regimento de mil seiscentos e sessenta homens, de que ele era o comandante; regimento que se tornou muito afamado pelas provas de valor e de intrepidez com que sempre se distinguia nos combates em que entrava.

Quando em 1641, o coronel D. Antonio chegou a Cascaes, quiz el-rei recompensar-lhe os serviços prestados em honra da patria, dando-lhe um logar da maior importancia e confiança na côrte. D. Antonio porem, não aceitou, porque a carreira das armas, para que tinha decedida vocação, lhe fazia antever um futuro brilhante de vitorias e de feitos heroicos.

Quando era preciso reforçar as tropas que guarneciam as fronteiras, recorria-se sempre ao valioso auxilio do intrepido guerreiro D. Antonio Luiz de Menezes.

No ano de 1656 morreu D. João IV, e até esse momento D. Antonio, que então já usava do titulo de conde de Cantanhede, não aceitou cargo algum de importancia, na côrte, por ser do partido contrario ao conde de Odemira, o qual tinha todo o valimento real.

Os afeiçoados ao conde de Cantanhede só começaram portanto a figurar mais na côrte, depois do falecimento d'el-rei.

Corria o ano de 1658. A praça d'Elvas, (de que era governador D. Sancho Manuel, que mais tarde teve o titulo de conde de Vila Flor), achava-se cercada com um exercito de trinta e seis mil homens comandados pelo general castelhano D. Luiz Mendes de Haro.

A rainha D. Leonor de Gusmão, regente do reino, pela menoridade do principe real D. Afonso, escreveu em 2 de dezembro de 1658 a seguinte carta ao conde de Cantanhede:

—«Conde amigo. Eu el-rei vos envio muito saudar, como áquele que amo. E' de tanta importancia acudir á provincia do Alemtejo com uma pessoa que a governe, emquanto o inimigo persiste sobre Elvas, e que esta seja tal, que a alente e console, e tenha autoridade, átividade, e zelo para formar um exercito capaz de ir socorrer aquela praça, se o pedir a necessidade, que ainda que a importancia da vossa pessoa n'esta corte pedia-vos não apartasse de mim, me é precise encomendar-vos partais logo a livrar-me do cuidado em que me tem posto as coisas d'aquela provincia, e a fazer-me, e a este reino um serviço tão grande, como aquele será; e porque para tão conhecido amor como me tendes, e ao reino, e por o muito que desejaes sua conservação, e defesa, são necessarias poucas palavras para vos persuadir, vades acudir a tão grande ocasião com estas poucas regras espero partireis logo, e por elas mando a todos os cabos, e oficiaes de guerra, justiça e fazenda vos obedeçam, cumpram, e guardem as vossas ordens, em tudo o que tocar ao intento referido, em que espero façais o que deveis a quem sois, e á boa vontade que vos tenho, que são dois motivos bem grandes, para um homem como vós.

Escrita em Lisboa, a 2 de dezembro de 1658.—Rainha.»

Não contente com esta carta, a rainha mandou chamar o conde, e disse-lhe:

—«Sois tão empenhado na conservação d'este reino, tendes tanta atividade e tão grande coração, que fio de vós o socorro da praça de Elvas, que é a muralha, que na provincia do Alemtejo nos defende de nossos inimigos; parti-vos logo para Extremoz, e fiae da minha diligencia mandar-vos assistir com toda a gente e cabedaes que houver no reino, e não tenhaes pelo menor socorro as desatenções e desconcertos, que os castelhanos costumam ter nos seus exercitos, quando as emprezas são dilatadas: e dou-vos licença para que na certeza d'esta inteligencia me tenhaes por castelhana.»

O conde de Cantanhede, a quem sómente agradavam emprezas dificultosas, beijou, de joelhos, a mão da rainha, e disse-lhe, reconhecido pela distinção que acabava de receber:

—«Eu parto, senhora, para Extremoz, a obedecer a vossa magestade, e espero na justiça da causa que defendemos, e nos valorosos animos dos vassalos de vossa magestade, que brevemente hei de voltar aos pés de vossa magestade a render-lhe a gloria de vencedor do exercito de Castela.»

Pondo-se em seguida em movimento, reuniu o conde de Cantanhede todas as tropas, de que pôde dispôr; mandou comunicar astuciosamente a D. Sancho Manuel, que estabelecera o seu quartel general em Extremoz, o que contasse com o mais pronto socorro.

O exercito, assim organisado, saiu de Extremoz em 11 de janeiro de 1659, e chegou dois dias depois á frente das linhas de Elvas.

O conde da Ericeira, no segundo volume do *Portugal Restaurado*, livro terceiro, descreve circumstanciadamente aquela batalha, a qual foi um dos mais brilhantes triunfos para o conde de Cantanhede, que conseguiu derrotar completamente os castelhanos, aprisionando cinco mil homens, e deixando no campo um numero enorme de mortos e mais de seiscentos feridos.

Concluida a batalha, o conde de Cantanhede participou imediatamente para Lisboa a noticia da vitoria que alcançára.

El-rei D. Afonso VI recebeu esta agradavel noticia, estando na egreja de Santa Engracia ouvindo o sermão do primeiro dia da festa, que a nobreza costumava fazer em desagravo do desacato cometido, anos anteriores, n'aquele templo.

Foi tal o entusiasmo que produziu, que imediatamente se cantou um solene *Te-Deum* em ação de graças; partindo em seguida para o paço el-rei D. Afonso e toda a côrte que o acompanhava, no meio das mais entusiasticas aclamações do povo.

Quando regressou á capital, o conde de Cantanhede foi recebido no paço com as maiores honras e distinções, vindo o proprio rei, por conselho do conde de Odemira, esperal-o á entrada.

Além de muitas mercês, que D. Afonso lhe concedeu então, foi tambem agraciado com o titulo de marquez de Marialva, por decreto de 11 de junho de 1661, juntando depois a esta honra o juro e herdade por alvará de 14 de maio de 1675.

Sendo governador das armas na Estremadura, desejou o marquez de Marialva ir comandar no Alemtejo: porém a rainha regente, receiando que o conde d'Atouguia, que então governava aquela provincia, se despertasse, assim como as pessoas que compunham o novo partido que começava a formar-se em torno de D. Afonso VI, pediu ao marquez que desistisse d'aquela pretenção.

O marquez cedeu ao pedido [illegible] comprehendeu bem [illegible], porque [illegible] inconveniencia e até o perigo que poderia haver em sustentar discordias internas, quando os inimigos da patria estavam continuamente obrigando os portuguezes a entrar em combate.

N'esta inteligencia, marchou para o Alemtejo, comandando sómente as forças auxiliares da Estremadura.

Foi n'este tempo, em 1661, que D. João d'Austria entrou em Portugal com o seu exercito; porém, assim como acontecêra anteriormente, não houve luta alguma militar digna de menção, porque os castelhanos ainda estavam muito resentidos da derrota d'Elvas, e não se animavam a organizar forças suficientes para intentar nova invasão de Portugal.

Em 1662, o marquez de Marialva desejou ardentemente passar pela segunda vez ao governo das armas no Alemtejo, e como para conseguir este intento era necessario primeiro demitir o conde de Athouguia, que estava exercendo então aquele governo, lembrou á rainha regente que o conde de Athouguia era digno de ser nomeado general da armada real, muito principalmente, havendo desconfianças, que na proxima primavera os hespanhoes recomeçariam os seus ataques.

A rainha, que muito respeitava o marquez, e desejando sempre ser-lhe agradavel, mandou oferecer ao conde de Athouguia a nomeação d'esse novo cargo.

O conde recebeu a oferta com profundo pezar, e não podendo vencer a côlera que o dominava, respondeu á rainha com as mais sentidas frazes, o quanto lhe era penoso tirarem-lhe aquele governo, principalmente na ocasião em que as prevenções de Castela ameaçavam maior perigo.

Esta resposta obrigou a rainha a hesitar alguns dias em fazer a nomeação do marquez de Marialva para governador das armas do exercito na provincia do Alemtejo; este, porém, tanto insistiu, que a final venceu todas as dificuldades. Sabendo isto, o conde de Athouguia pediu licença á rainha para se retirar á côrte, e depois, a conselho do duque de Cadaval, a quem a regente pedira particularmente para resolver o conde a aceitar a nomeação que ela lhe oferecera, resignou-se a satisfazer o desejo da soberana.

O marquez de Marialva d'esta vez não foi tão feliz nos seus empreendimentos e muito mais porque servindo no exercito o conde de Schomberg, o nosso general possuiu-se profundamente da idéa de que vinha aquele extrangeiro murxar-lhe os louros da sua brilhante vitoria das linhas de Elvas.

Tomando D. Afonso VI posse do reino, e começando o conde de Castelo Melhor a exercer o seu onipotente ministerio, o marquez de Marialva perdeu muito no regio valimento: deixou o governo das armas no Alemtejo, sendo substituido por D. Sancho Manuel, que então havia recebido o titulo de conde de Vila Flor.

Chegando, porém, a Lisboa a noticia da tomada d'Evora por D. João d'Austria, houve necessidade de mandar com toda a presteza reforços para o Alemtejo, e foi ainda o marquez de Marialva quem marchou á frente d'um exercito, na maior parte composto de muitos voluntarios da primeira fidalguia. Chegando áquela provincia, reuniu-se ao conde de Vila Flor, e tomou parte importante na recuperação da cidade de Evora.

Em 1664 tomou Valencia de Alcantara, uma das principaes praças da Estremadura hespanhola, onde tambem se tornou distinto.

Em 1665, estando em Extremoz, correu, em 17 de junho, em auxilio de Vila Viçosa, que os hespanhoes haviam sitiado; foi, porém, surpreendido por Carracena, em Montes Claros, logar, que medeia com distancia egual entre Vila Viçosa e Extremoz; a ali se travou renhido combate. Foi mais uma vitoria para o marquez de Marialva, e a ultima corôa dos seus grandes triunfos belicos.

A derrota de Carracena enfraqueceu muito o animo dos castelhanos, que se confessaram vencidos, e deu causa á Hespanha solicitar a paz; e o ilustre general foi tambem um dos plenipotenciarios, que assináram o tratado em 1668.

O marquez de Marialva exerceu os seguintes cargos: conselheiro de estado e da guerra, védor da fazenda real, ministro do despacho, governador das armas de Lisboa, Setubal, Cascaes e Estremadura, e capitão general da provincia do Alemtejo. Em 1669 foi eleito procurador das cortes de Lisboa por uniforme sufragio do povo e da nobreza, devendo-se a ele grande parte dos negocios que se concluiram. A sua opinião era sempre muito considerada, e ouvida em todas as cousas serias, que em Portugal houve n'aquele tempo. Chamavam-lhe o *libertador da patria*.

Era senhor das vilas de Meltes, Mondim, Cerva, Atem, Ermelho, Bilho, Vilar de Ferreiros, Avelhans do Caminho, Leomil, Penela, Povoa e Valongo; senhor do morgado de Medelo, e S. Silvestre, comendador de Santa Maria d'Almonda, na da ordem de Cristo, etc.

Havia casado em 1635 com D. Catarina Coutinho, filha e herdeira de D. Manuel Coutinho, senhor da torre do Bispo. Teve dois filhos e sete filhas: D. Pedro Antonio de Menezes, 4.º conde de Cantanhede e 2.º marquez de Marialva; D. Manuel Coutinho, que el-rei D. Pedro II agraciou com o titulo de conde do Redondo; D. Guiomar de Menezes, que casou com seu tio D. Rodrigo de Menezes; D. Maria Joana Coutinho, que casou com D. Luiz Alvares de Castro, 2.º marquez de Cascaes; D. Izabel de Menezes, casada com o comendador e alcaide mór de Coruche; D. Lourenço de Lencastre, D. Antonio de Menezes, D. Jeronima Coutinho, D. Maria Coutinho, religiosas no convento da Esperança em Lisboa [illegible] Joana de Menezes, que fal[illegible]

Faleceu o marq[illegible] e D. 16 de agosto [illegible] [fal]eceu sem estado. [illegible] [marqu]ez de Marialva em [illegible] de 1675, e determinou que o sepultassem na vila de Cantanhede, e o seu coração ficasse no convento de S. Pedro d'Alcantara dos religiosos da provincia d'Arrabida, que ele proprio mandára edificar, em ação de graças pela vitoria de Montes-Claros, [illegible]

Do livro mais antigo dos obitos d'aquele convento, consta, que efétivamente o coração ali se conservára, com todo o respeito, dentro d'um cofre de prata, até que por ordem d'el-rei D. Pedro II, foi transladado para Lisboa, para o mosteiro de S. Vicente de Fóra, sendo colocado no pavimento junto ao tumulo de D. João IV com a seguinte inscripção:

Hic, ubi Lusiadum facet instaurator in una,
Pignus habet positum cor Marialva suum.
Corde suum sequitur Regem Marialva sepultum
Ut vitam credas, non perlisse fidem,

Segundo os esclarecimentos que podemos obter, parece que fora depositado em Cantanhede o cadaver do ilustre marquez, e na capela-mór da egreja do convento, junto ao tumulo da marqueza, sua esposa, as visceras que estavam reunidas ao coração.

Nos descendentes d'este ilustre varão conta-se o grande marquez de Marialva, estribeiro-mór de el-rei D. José, conselheiro de guerra, deputado da junta dos tres estados e general de cavalaria. Foi eximio cavaleiro, muito estimado pelo rei, e é a ele que se deve o sistema de equitação, que ainda hoje é conhecido pelo nome de *Marialva*.

Os titulos de Cantanhede e de Marialva terminaram com o falecimento do 6.º marquez D. Pedro José Joaquim Vito de Menezes Coutinho que faleceu em Paris no dia 22 de novem de 1823, sem deixar sucessor.

G. C.

Sciencias

A VIA LATEA

A terra, como os outros astros, faz parte de uma nebulosa. Não está isolada nos desertos do infinito, não constitue uma exceção á lei geral. A terra, como as plantas proximas, pertence ao sol. E' o sol que os representa no recenseamento geral dos astros, porque nem a terra nem os planetas concorrem para os seus esplendores e o sol é uma das estrelas componentes de uma imensa nebulosa.

O sol não e senão uma estrela: esta asserção pode parecer estranha á primeira vista, por causa das ilusões que nos dão os nossos sentidos. O facho de luz, o foco de calor, o dispensador de vida terrestre aparece nos sob o prestigio legitimo do seu unico poder, e nós saudamol-o como o rei dos astros, como o primeiro d'entre os grandes do ceu. E para nós com efeito ele merece esses titulos soberanos e todos os que ao nosso justo reconhecimento lhe aprouver atribuir-lhe. Mas se o reputamos superior ás estrelas, se o reconhecemos mais importante, mais necessario e magnifico, é unicamente por estarmos perto d'ele, pois que na verdade nós somos seus locatarios, seus subditos, e, ao invez do que se dá na terra, tributos reconhecidos homenagem á legitimidade da sua soberania celeste. Pertencendo-lhe de corpo e alma, vivemos á sua custa como verdadeiros parasitas, pois que se não fosse ele, cahiriamos de repente nas trevas da morte.

Manda a justiça, pois que lhe agradeçamos e reconheçamos o seu poderio.

Comtudo, para apreciar as coisas sob o seu real ponto de vista, é indispensavel elevarmo-nos acima da dependencia particular que pode obscurecer-nos o juizo, como o que, depois de ter estudado internamente um edificio, desejando examinar a importancia relativa d'esse edificio a respeito das outras construções da cidade, se afasta d'ele e colocando-se n'uma elevação proxima, compara-o com todos os outros monumentos.

Do mesmo modo é preciso sahir para fóra dos dominios solares e transportarmo-nos em espirito a um ponto afastado do espaço d'onde possamos reconhecer por comparação o logar ocupado pelo sol no universo sideral.

Afastando-nos, pois, do sol para um ponto distante do espaço, vel-o hemos diminuir de grandeza e perder a importancia capital que parecia ser o seu apanagio. Quando atingirmos os limites do seu systema, ele apresentar-se-nos-ha apenas como uma grande estrela. E se continuar-mos a afastar-nos, vel-o-hemos descer á categoria d'uma estrela pequena. Se caminhar-mos emfim para uma estrela qualquer do ceu, continuaremos a assistir ao decrescimento d'este astro, que irá mergulhando nas profundesas da imensidade; e ao passo que se for convertendo em pequena estrela e confundindo-se com a multidão de todos os astros, aquela para onde nos dirigimos perderá, pelo contrario, o seu aspeto modesto, augmentará, resplandecerá, e avultando á medida que nos aproximarmos d'ela, transformar-se-ha n'um verdadeiro sol, tão importante como o nosso, pelo seu poder luminoso e calorifico e pelos beneficios que dispensa aos planetas do seu dominio.

Passando para alem d'este novo sol e continuando o nosso caminho, presencearemos a transformação analoga de outras estrelas em soes; todas as de que nos aproximarmos sucessivamente nos aparecerão sob esse aspeto, mostrando-nos que brilham com a sua propria luz e que são outros tantos focos planetarios. Quando emfim tivermos transposto esses campos estrelados, entráremos nas regiões em que os soes estão mais raramente semeados, e depois no deserto ermo das estrelas:

Aos milhões de milhões de leguas que acabamos de percorrer, acrescentaremos ainda uma certa porção de milhões de milhões, e atingiremos o ponto de onde poderemos apreciar com justesa a importancia real do nosso sol.

Suponhamos que chegamos aos primeiros soes constituitivos de uma nebulosa e que, voltando nos então sómente contra o nosso ponto de partida, procuramos distinguir o logar que ocupa o nosso sol no formigueiro de estrelas que nos ficaram atraz.

E' d'esse ponto que poderemos avaliar bem as coisas. Eis o que nos aparecerá:

Todos os astros que povoam as nossas noites estreladas acham-se agora comprehendidos dentro de uma certa extensão limitada, e observaremos, livres da ilusão que nos produzia a sua proximidade, que eles formam uma aglomeração de pontos brilhantes e semelham uma ilha de luz suspensa no espaço. Em resumo, e é aqui que quereriamos chegar, esses astros constituem uma nebulosa isolada, com os seus contornos nitidamente definidos e em volta da qual, no deserto que ácerca, não brilha nenhum grupo de estrelas.

Essa nebulosa desenha-se nas trevas sob a fórma que o leitor não terá deixado de notar no ceu por noites limpidas, pois que a *Via-latea*, essa esteira de luz frouxa que atravessa o ceu estrelado, representa a fórma do universo sideral de que nós fazemos parte.

Como a Via-latea envolve totalmente a Terra, vemos por isso mesmo que nós estamos dentro d'ela.

E' n'essa nebulosa que nós habitamos, é n'ela que reside o nosso mundo solar. Em que sitio estamos nós? A pergunta, é pelo menos, curiosa, e do ponto em que nos colocámos para observar sob o verdadeiro aspeto o montão de estrelas de que fazemos parte, os mais poderosos instrumentos não lograriam distinguir o nosso pequeno sol. Entretanto, poude chegar a concluir-se que não estamos muito afastados do centro d'esta imensa aglomeração de estrelas.

Mas, perguntarão os espiritos curiosos, se nós habitamos na verdade a região media de uma opulenta nebulosa, como é que nós não damos por isso e que as nossas noites limpidas nos mostram em torno um céu puro e esplendidamente estrelado? E' por ventura preciso ir lá para tantos milhões de milhões de leguas da Terra para se conhecer onde ela está? E se tanto é preciso como é que isso se soube?

Não é preciso com efeito, por que se conhece esta posição. D'aqui, sem sair da nossa esfera, observamos o ceu e vemos juntamente um grande circulo nebuloso que nos envolve. Vemos-nos no centro d'esse circulo, e todas as noites uma faxa esbranquiçada de pequenas estrelas muito juntas se nos mostra no ceu, envolvendo nos perpetuamente.

A Via latea, essa larga banda irregular de nevoas estelares que atravessa o ceu em toda a sua largura, não é com efeito mais do que a maior dimensão d'essa imensa lente, ou anel de estrelas na qual o sol não é mais do que um atomo. Se o céu se nos não apresenta nebuloso em todos os sentidos, é justamente porque a nebulosa a que pertencemos não é esferica, mas de fórma lenticular, e porque a esfera da lente é menor e tem menos estrelas do que a sua largura.

Todas as estrelas que scintilam no céu em noites serenas parecem pertencer a uma unica aglomeração, a uma unica nebulose, cuja direção longitudinal nos é marcada pela Via-latea. As estrelas não estão propriamente isoladas, ao acaso, nos desertos do vacuo; fazem parte de um todo; estão reunidas por milhões n'um grupo gigantesco, analogo aos longiquos aglomerados de que acima falamos. N'esse clarão difuso, n'essa claridade indistinta da Via-latea, o telescopio encontra e separa as estrelas que o compõem e mostra que é formada d'uma quantidade incalculavel d'astros irregularmente dessiminados.

A idéa, pois, que devemos fazer da Via-latea, é muito diversa da que as aparencias nos apresentam e da com que os antigos se contentavam. Desde a origem das edades, desde as primeiras observações da astronomia elementar, se notára esta estrada semi-luminosa que corta o ceu, e a mytologia reinante bordára a com as imagens com que ornamentava todas as coisas. Um poeta escocez do seculo XVI, Jorge Buchaman, consignou em algumas palavras a historia das singulares opiniões formuladas ácerca da Via-latea, elevando-se ao mesmo tempo até á comprehensão da verdadeira causa d'este aspeto celeste:

«Poderia eu deixar de falar de ti, diz ele dirigindo-se á Via-latea, de ti, a quem os antigos poetas tanto celebravam em seus cantos! de ti, que divides o ceu com a tua larga cinta constituindo-lhe um dos mais belos ornamentos! Tu brilhas nas profundezas da noite, e, visivel a todo o universo, feres os olhos dos mortaes; tu espalhas a tua luz suave sempre que o ar sem nuvens nos consente erguer livremente os nossos olhares para a abobada celeste. Essa brilhante alvura, que tão facilmente te torna notada, fez com que te dessem o nome de Via-latea, ou porque—se a Fabula não mentia aos antigos poetas—algumas gotas de leite caidas do seio de Juno escorreram obliquamente pelos astros e traçaram no azul dos ceus essa faxa brilhante d'alvura; ou, segundo outros, por ser esse o caminho que conduz á morada dos deuses e ao palacio do senhor dos raios. Ha quem creia que tu és o sitio em que habitam as almas felizes, onde, libertas de todo o trabalho, emancipadas de todos os cuidados, vivem como os deuses n'uma eterna bemaventurança. Querem outros que o polo conserve ainda os vestigios do incendio lançado por Faetonte, quando o carro do Febus, desviado do seu caminho por este inexperiente cocheiro, entregou ás chamas as moradas celestes, ameaçando incendiar o universo. Outros emfim pretendem que, quando Deus creou o mundo e lhe juntou as diferentes partes, ao unir-lhe os dois flancos imensos, as extremidades do ceu ligando-se uma á outra deixaram entre si esta especie de emenda, que é como uma cicatriz sempre viva, que marca a linha de junção de todas as suas partes. Mas os que procuraram investigar as causas secretas dos fenomenos celestes, verificaram que esta cinta é produzida por uma multidão de pequenas estrelas contiguas, cujas claridades reunidas formam esta brancura luminosa, semelhante á do crepusculo ou a essa frouxa luz que conservam os astros, quando empalidecem com a aproximação de Febus.»

Estas fantasias de imaginação, autorisadas pelas antigas fabulas, estavam longe da realidade; e n'isto a realidade é mais bela, maior, mais admiravel do que a fixam. Desde o dia em que as primeiras lunetas astronomicas permitiram distinguir as estrelas cuja aglomeração fórma a alvura d'esta zona, a atenção dos astronomos foi chamada para a sua constituição e estrutura. William Herschel, com o auxilio do telescopio que ele proprio fabricára, deliberou, por fins do seculo passado contar as estrelas comprehendidas dentro d'esta zona: poz mãos á obra dividindo o seu trabalho em partes. Excelente exito veio premiar a sua longa preseverança. Por um confronto engenhoso entre as partes, em que a condensação das estrelas atinge o seu maximo, e aquelas em que desce ao minimo, e pelo exame da extensão ocupada por estes imensos aneis, o grande observador chegou ao resultado de que a *Via-latea* não contem menos de *dezoito milhões* de estrelas!

Dezoito milhões de estrelas na camada equatorial do aglomerado ao qual pertencemos! E não é este o numero total das estrelas que o compoem, pois que não se incluem n'ele as partes lateraes d'esta massa gigantesca, não estando comprehendidas n'esta enumeração todas as estrelas do ceu, situadas d'uma e outra parte do plano da maior condensação. O numero total dos membros d'esta populosa tribu é muito superior ainda a dezoito milhões.

Qual é a extensão real ocupada por esta formidavel republica de soes?...

O numero das estrelas que a compõem e as distancias reciprocas d'estas estrelas entre si, dão para esta extensão uma grandesa que o espirito não pode facilmente conceber, senão estiver preparado para isso, um numero que ele não pode apreciar sem um vigoroso esforço d'abstração. Não darei esse numero em leguas, porque uma serie imensa de leguas ultrapasse os limites de visão do proprio espirito; tomaria unidade adotada habitualmente nas grandesas astronomicas. Ora, acontece que a extensão da Via-latea, na sua maior dimensão será medida por um raio de luz que, a razão de 75:000 leguas por segundo, voaria em linha reta e sem parar durante quinze mil anos!

D'este modo, achando nos nós no centro d'esta nebulosa, quando observamos no campo de um poderoso telescopio as pequenas estrelas longiquas situadas nas profundidades da *Via-latea*, a nossa retina recebe a impressão de um raio luminoso partido ha sete ou oito mil anos d'um sol analogo ao nosso e fazendo parte do mesmo grupo sideral.

Se tal é a extensão da nebulosa de que nós somos uma parte constituinte infinitesima, as outras nebulosas, semeadas pelo espaço, serão tão opulentas e vastas, ou é a nossa região previlegiada e sobreleva ás outras tanto em riquesa como em extensão?

Não ha rasões nenhumas que nos autorisa a afagar uma tal idéa, que um resto de vaidade poderia talvez ainda suscitar-nos para nos compensar um pouco da mediocridade da nossa situação real no universo. A Via latea não é unica: todas as nebulosas do céu são outras vias lateas mais ou menos semelhantes á nossa. Algumas podem ser mais pequenas, outras poderão ser muito maiores ainda, pois que nos dominios do infinito não ha limites para o espaço. O melhor para isso é tomar-mos a media e pensar que as palidas e difusas nebulosas que parecem boiar ao longe nas profundesas insondaveis, são vias-lateas povoadas de tantos soes como a nossa.

Mas n'esse caso, visto que elas nos parecem tão pequenas, é preciso que estejam afastadas. Bem afastadas, com efeito, pois se calcularmos a distancia a que seria necessario transportar a nossa via latea para que ela se redusisse ás dimensões de uma nebulosa media, acharemos que seria preciso afastal-a para uma distancia igual a 334 vezes o seu diametro, e então o nosso agil mensageiro, o raio de luz, gastaria mais de cinco milhões de anos para a percorrer.

Tal é a distancia que parece separar entre si as gigantescas aglomerações de soes que constituem o universo sideral e que pairam no espaço, suspensas a todas as profundidades na imensidade insondada.

CAMILO FLAMARION.

Arabescos e Miniaturas

ADEUS!

(De Guy de Maupassant)

Os dois amigos acabavam de jantar. Da janela do café viam o boulevard povoado de gente. Sentiam passar esses sopros tepidos, que correm em Paris pelas doces noites veranescas, que obrigam os transeuntes a erguer a fronte e lhes desperta o desejo de partir, de ir por ahi fóra, nã se sabe aonde, em cata de arvoredos, e fazem sonhar placidos rios banhados de luar, pirilampos e rouxinoes.

Um d'eles, Henrique Simon, proferiu, suspirando profundamente:

—Ah! envelheço. E' triste. N'outro tempo, por noites como estas, era como se tivesse o diabo no corpo. Hoje, sinto unicamente saudades. Isto vae depressa, a vida!

Henrique estava já um pouco adiposo, pesavam-lhe talvez os quarenta e cinco anos; tinha grande calva.

O outro, Pedro Carnier, um quasi nada mais idoso, mais magro e mais vivo, replicou:

—Eu, meu caro, tenho envelhecido sem perceber a menor coisa. Fui sempre alegre, rapaz, vigoroso e o resto. Ora, como a gente se vê todos os dias ao espelho, não vê o trabalho da edade completando-se, porque é lento, regular, e modifica o rosto tão docemente, que as transições são insensiveis.

«E', unicamente por isso que não morremos de desgosto ao cabo de dois ou tres anos d'essas perfidas devastações. Porque não as podemos apreciar. Seria necessario, para as avaliar bem, estar seis mezes sem vermos a cara,—oh! imagina o que seria, então! E as mulheres, meu caro, como lastimo esses pobres seres. Toda a sua felicidade, todo o seu poderio, toda a sua beleza, estão na sua beleza, que dura o muito dez anos. Portanto, eu, envelheci sem dar por isso, e quasi me julgava adolescente quando tinha perto de cincoenta janeiros. Não me sentindo enfermo, nem de modo algum invalido, tenho ido vivendo, feliz e tranquilo.

«A revelação da minha decadencia apareceu-me de maneira simples e terrivel, trazendo-me assustado mais de seis mezes... Depois, tomei uma resolução.

«Andei frequentes vezes mais ou menos apaixonado, como todos os homens, mas principalmente uma vez.

«Encontrei-a á beira-mar, em Etretat, ha justamente doze anos, pouco depois da guerra. Nada mais gentil do que essa praia, de manhã, á hora do banho. Praia pouco extensa, em fórma de meia lua, emoldurada em altas penedias brancas, cortadas por singulares aberturas a que chamam «Portas»,—uma d'elas enorme, enfiando mar dentro uma perna gigantesca, outra defronte, acocorada e redonda; a turba das mulheres junta-se ahi em massa, n'essa apertada garganta de seixinhos e buzios, cobrindo-a de brilhante jardim de *toiletes* claras, n'esse quadro de altos penhascos. O sol cáe a pino sobre as costas, sobre ás sombrinhas de todos os feitios e côres, sobre o mar de um azul esverdeado; e tudo isto é alegre, encantador e sorri aos olhos. Sentámo-nos nas escrescencias das rochas, e contemplámos as banhistas. Elas descem, envoltas no penteador de flanela branca, de que se despojam com um movimento gracioso, e avançam para a franja de espuma entretecida pelas pequeninas vagas; depois, entram no mar, a passos rapidos, por vezes parando no estremecimento de um frio delicioso, ou n'uma breve sufocação.

«Muito poucas resistem a esta provação do banho. E' ahi que são verdadeiramente julgadas, desde os jarretes até ao seio. A saida, principalmente, revela as fracas e as medrosas, embora a agua do mar seja de poderoso auxilio para as carnes flacidas.

«A primeira vez que vi assim essa joven mulher fiquei extatico, enamorado, seduzido. Magnifica, direita, firme. Depois, ha figuras cujo encanto entra em nós bruscamente, invadindo-nos de todo de subito, n'um momento de relampago. Parece que se encontra a mulher para a qual nascemos para a amar. Eu tive essa sensação e esse abalo.

«Fiz-me apresentar e fiquei desde logo preso, preso como jámais em minha vida o tinha sido. Ela devastava-me o coração. E' uma cousa espantosa e ao mesmo tempo deliciosissima sofrer assim o jugo de uma mulher. E' quasi um supplicio, e, simultaneamente, uma felicidade intraduzivel. O olhar, o sorriso, os cabelos da sua nuca quando a brisa os agitava e levantava, as mais pequeninas linhas do rosto, os menores movimentos das suas feições, deliciavam-me, transtornavam-me, enlouqueciam-me. Possuia-me por toda a sua pessoa, pelos seus gestos, pelas suas atitudes, mesmo pelas cousas que usava e que me enfeitiçavam. Enternecia-me ao ver o seu ligeiro véu de tule sobre um movel, sensibilisavam-me as suas lúvas atiradas para sobre o sofá. As suas *toiletes* pareciam-me inimitaveis. Ninguem tinha chapéus eguaes aos seus.

«Era casada, mas o marido vinha quasi todos os sabados e retirava nas segundas feiras. Este fato deixava-me, então, indiferente. Não era ciumento, não sei porque, jámais uma creatura me pareceu ter tão pouca importancia na vida, era homem que, nem de leve, provocava a minha atenção.

«Como a amava! E como ela era bela, graciosa e joven! Era a propria juventude, elegancia e frescura. Nunca senti, como então, como a mulher é um ser formoso, fino, distinto, delicado, feito de encanto e de graça. Nunca comprehendi, como então, o que ha de beleza sedutora na curva d'uma face, no movimento d'um labio, nas pregas redondas d'uma pequenina orelha, na fórma d'este tolo orgão que se chama nariz!

«Durou isto tres mezes; depois parti para a America, o coração esmagado de desespero. Mas a sua recordação ficou em mim, persistente, triumfante. Possuia-me de longe como me possuira de perto. Passaram anos. Não a esquecia. A sua encantadora imagem permanecia perante meus olhos, gravada no coração. E a minha ternura era-lhe fiel, ternura tranquila, entretanto, o quer que fosse como a recordação amada e querida do que se havia encontrado de mais belo e sedutor na vida.

«Doze anos são tão pouca coisa na existencia do homem! Quasi se não sentem passar. Deslisam um apoz outro, os anos, docemente e depressa, lentos e apressados,—cada um é longo e acaba breve! E adicionam-se tão prontamente, e deixam tão leve vestigio da sua passagem, e desvanecem-se tão completamente, que, voltando-nos para vêr o tempo decorrido, não alcançamos nada, nem mesmo se comprehende como é que nos fazemos velhos.

«Parecia-me realmente que alguns mezes apenas me separavam da encantadora estação balnear de Etretat.

«Na primavera ultima fui jantar a Maisons-Lafite, a casa d'uns amigos.

«No momento em que o trem partia, uma dama bastante nutrida subiu para o meu wagon, acompanhada de quatro meninas. Relanceei o olhar para essa mãe-galinha, muito larga, muito redonda, cujas faces de lua cheia estavam emolduradas n'um chapeu com muitas flores e fitinhas. Respirava fortemente, afrontada de ter marchado pressurosa. As creanças começaram a palrar. Abri o jornal e entrei a ler.

«Acabavamos de passar a estação d'Asnieres, quando a minha companheira de jornada me disse á queima-roupa:

—«Peço desculpa, é o sr. Carnier?»

—Sim, minha senhora.»

«Então, ela, desatou a rir, riso contente de brava mulher, comtudo um pouco triste.

—«Não me reconhece?»

«Hesitava. Parecia-me, com efeito, ter visto algures aquela cara; mas onde? quando? Respondi:

—«Sim... e não... Conheço-a, certamente, minha senhora, mas sem poder lembrar-me o seu nome.»

«Ela fez-se um pouco vermelha.

—«Madame Julia Lefévre.»

«Nunca recebi semelhante golpe. Pareceu-me, n'aquele segundo, que tudo acabára para mim! Sentia unicamente que se rasgára um veu a meus olhos e que ia descobrir coisas horrorosas, desoladoras, cruciantes.

«Era ela! essa gorda mulher comum, ela?... E tivera uma postura de quatro rapariguitas desde que deixei de a ver. E essas pequeninas creaturas espantavam-me tanto como a propria mamã. Saiam d'ela; eram já crescidas; tinham o seu logar á meza da existencia. E a mãe, a mãe não era já o que foi, uma flor *coquete* e fina, uma maravilha de graça. Vi-a hontem—parecia-me,—e hoje encontrava-a assim! Era possivel? Dôr violenta me apertava o coração, e tambem a revolta contra e propria natureza,—uma indignação irrefletida, contra essa obra brutal, infame de destruição.

«Contemplava-a desvairado. Depois, tomei-lhe a mão; as lagrimas borbulharam-me nos olhos. Chorava a sua mocidade, pranteava a sua morte. Porque não a conhecia n'aquela anafada e nutrida dama.

«Ela, comovida tambem, balbuciou:

—«Acha-me muito mudada, não é assim? Que quer! tudo passa. Como vê, tornei-me mãe, nada mais do que mãe,—boa mãe e dona de casa. O resto, adeus! acabou-se. Oh! eu bem pensava que não me reconheceria, se nos tornassemos a encontrar. O senhor tambem está bastante mudado; analisei o muito tempo, antes de lhe falar, para não me enganar. Está muito branco. Não admira. Ha doze anos! Doze anos! Minha filha mais velha já fez dez.»

«Olhei para a creança. Encontrei n'ela alguma coisa do antigo encanto da mãe, mas esse alguma coisa indeciso ainda, de pouco formado, de proximo. E a vida apareceu-me rapida como uma locomotiva que passa.

«Chegámos a Maisons-Laffitte. Beijei a mão da minha velha amiga. Nada achei para dizer-lhe senão banalidades, palavras imbecis. Não podia falar; o choque fôra rude.

«A' noite, sosinho, no meu quarto, mirei-me bastante tempo ao meu espelho, muito tempo. E acabei por me recordar do que tinha sido, revendo no pensamento o meu bigode castanho escuro, os meus cabelos pretos, a fisionomia fresca e ar prasenteiro. Agora, meu caro, estou velho, positivamente velho. Adeus!

(*Trad.*)

AGNELO OSCAR.

Bibliografia

«*Agricultor Portuguez*.—Recebemos o n.º 14 d'este magnico jornal cujo summario é o seguinte:

Revista agricola, Rodrigues de Moraes; O valor dos adubos, A. F.; Variedades, Vilar d'Alen; Miscelanea agricola, J. R.; Duas palavras ácerca das remontas do exercito, Alves Tórgo; A atinomicose sob o ponto de vista da higiene publica, Alves Tórgo; Ecos veterinarios, Alves Tórgo.»

Parte Oficial

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 19

Despachos de varios empregados para as alfandegas.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Diario de 20

Decreto determinando que o sr. Beirão reassuma as suas funções de ministro da justiça.

Decreto fixando o dia 14 de novembro proximo futuro para as eleições dos procuradores ás juntas geraes dos distritos e eleições das camaras municipaes, e o dia 5 de dezembro seguinte para as eleições das juntas de paroquia.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

O testamento de D. Carolina de Souza, natural de S. Romão do Vilarinho, falecida em Barcelona.

Telegrafia

S. Tomé, 19.—Chegou aqui hoje, vindo de Loanda, o paquete *S. Tomé*, da Companhia Nacional de Navegação.

Madrid, 19.—A rainha regente, D. Cristina, assinou hoje o decreto que autorisa a publicação do convenio celebrado com Portugal, para a troca de vales do correio entre os dois paizes desde o 1 do proximo futuro mez de dezembro.

Londres, 19.—Os socialistas projetam grandes demonstrações por ocasião da procissão do novo lord-maior, no dia 9 do proximo mez de novembro.

A policia preveniu os chefes dos diferentes grupos socialistas, de que os tornará responsaveis pelas desordens que n'esse dia ocorram.

Paris, 19.—O sr. Sarrien retirou a sua demissão de ministro do interior, por que se reconheceu emfim que a votação de hontem, na camara dos deputados, afétava a responsabilidade de todo o gabinete.

O sr. Sadi Carnot tambem acedeu em retirar a sua demissão de ministro da fazenda.

O novo debate a que se vae hoje proceder na camara, dará ensejo a que ela se manifeste categoricamente de quaes são os seus sentimentos a respeito do ministerio. Continuam n'este sentido negociações entre o presidente do conselho, sr. Freycinet, e diversos membros da maioria.

Bahia, 18.—Segue hoje d'este porto com destino a Lisboa o paquete alemão *Kronprinz*.

Sofia, 19.—Chegou hoje a esta cidade o sr. Gabdan Effendi. Diz-se que vem insistir com o governo bulgaro para adiar a abertura da grande assembleia.

Todos os membros da regencia e os ministros preparam-se para ir para Tirnova.

Folhetim

PERPETUA DAS BRENHAS

Descaía a tarde lentamente, uma bella tarde de fins de outono, perfumada e morna.

Entre as folhas que amarelleciam esvoaçavam bandos de pardaes, e de longe subiam os sons debeis de canções populares que mal acordavam os eccos dos montes. Lá em baixo emergiam, do verde escuro da matta, as casarias brancas da aldeia, como azas abertas de alguma ave gigantesca que se houvesse deitado e adormecido no fundo do valle.

Os ultimos raios do sol toucavam o alto do monte, illuminando em cheio o campanario da ermida; ao lado seguia o muro caiado do cemiterio, meio occulto na curva do declive.

Aqui e alli, seguindo as ondulações dos cabeços, recortavam-se na meia tinta desmaiada do nascente algumas arvores solitarias, e no extremo do horisonte pairava uma tira estreita de nuvens afogueadas.

O vento caira; o ar conservava um tom quente e suave. Extensos milharaes seccos cobriam os vergeis gretados pelas ardentias. As folhas pendiam direitas, immobilisadas. A natureza adormentada parecia ter suspendido as suas funcções creadoras.

De longe em longe, pelos carreiros tortuosos, passavam camponezes, de volta do trabalho, jaqueta ao hombro, braços nús, tostados do sól; e o echo despertando em sobresalto, repetia a meia voz as ultimas syllabas d'alguma canção repassada de tristeza, até que o som cavo dos sapatos grossos, batendo as chapadas solitarias, esmorecia na distancia.

O cortejo subia a vereda em silencio. Ao lado do esquife caminhava uma mulher do povo, soluçando. Era uma rapariga de pouco mais de vinte annos, cabellos castanhos, magra, signaes ligeiros de bexigas. Ia descalça: e vestido remendado deixava-lhe a nú metade das pernas trigueiras, o seio esqueletico vincando saliencias no chale cinzento.

Vivia na aldeia desde pequena. Quando o pae morreu, velho quinteiro cego, uma visinha, lavradeira do sitio, levou-a para casa e encarregou-a do rebanho. Tinha então nove annos a pastora.

Mal luzia a manhã largava por esses montes fóra, marmita a tiracollo, arrastando um cajado enorme, maior do que ella, atraz das suas cabrinhas mansas. E passava os dias nos plainos verdes, no fundo dos valles sombrios, nos cabeços nús da serra. A's vezes, morta de fadiga, adormecia á sombra das carvalheiras, cheia de confiança n'aquellas solidões tão suas conhecidas: e o rebanho então, parando tambem, voltava vagarosamente para a beira do caminho e vinha deitar-se ao pé da dorminhôca, esperando que ella despertasse para ir outra vez por aquelles matagaes fóra em busca de novos rebentos.

A vida das selvas tornara-a triste. Muitas vezes os seus olhos rasgados e languidos fixavam-se, horas esquecidas, n'uma contemplação vaga, indefinida. A' noite essa tristeza accentuava-se quando recolhia ao povoado, á hora da ceia: é que na cozinha grande esperava-a a troça dos criados e das raparigas da quinta, que lhe diziam palavras grosseiras. E ella, a um canto da lareira, ouvia calada aquellas coisas que a faziam chorar, a sentia-se infeliz, tão só! Vinham-lhe então uns desejos de fugir para os ermos da serra, onde havia arvores grandes que lhe fallavam uma linguagem boa, para as suas ovelhinhas mansas, as suas amigas, as suas companheiras, para a beira dos regatos onde os salgueiros se reviam e que até similhavam sorrir-lhe quando ella assomava ás escarpas dos penedos.

Emal acabava de comer, esgueirava-se para a cabana do aprisco, para a sua cama de feno, a dois passos das suas ovelhinhas adormecidas.

E pela madrugada ia-se outra vez, monte arriba, surprehender o levantar do sol, ouvir os melros e as cotovias, quasi alegre por aquella liberdade, sentindo-se bem n'aquelles desertos cheios de sons que a acariciavam, a ella que nunca tivera a caricia d'um beijo.

Na aldeia chamavam-lhe a Perpetua das Brenhas.

Passaram annos.

Uma tarde, ahi por volta das vindimas, descia um rebanho pelas ladeiras da montanha e uma pastora, rapariga esbelta, seguia de vagar, cabeça pendida, olhar vago e triste.

E' que elle tinha partido.

Mezes antes encontrara-o n'uma encruzilhada. Era um rapaz alto, de bigode loiro e mãos finas. A rapariga assustou-se e quiz fugir, mas parou logo, ouvindo-o dizer suavemente:

—Tem medo de mim? Diga-me ao menos o caminho das Pedreiras... Perdi-me e não sei por onde hei-de ir.

—Desça essa vereda ahi d'essa banda, e em chegando lá abaixo ao fundo da quebrada, siga em frente pela azinhaga, que vae dar mesmo ao pé da outra quebrada: d'ahi logo vocemecê vê o oiteiro dos Seixos: as Pedreiras ficam logo alli.

—Obrigado, menina. Adeus.

—Salve-o Nossa Senhora.

E a rapariga esteve muito tempo parada a meio da encosta, seguindo com o olhar o caçador. Quando elle partiu, a pastora sentiu uma vontade irresistivel de chorar: nunca ninguem lhe tinha fallado assim meigamente, com uma delicadeza desconhecida que lhe fizera bem. E ficou-se a scismar, a scismar longamente nas reminiscencias da sua infancia remota, no nome da mãe que a beijava em pequena, que lhe apparecia ás vezes em sonhos, como através de uma nevoa, de feições confusas, vagamente desenhadas: depois tornou a vel-a morta, muito fria; e ouvia o pae a soluçar, sentado no poial da casa; mais tarde uns homens que a metteram n'uma caixa grande e que a levaram, e nunca mais tornou a vel-a: e quando, de manhãsinha, chamava por ella, respondia-lhe apenas o silencio triste da casa e o ramalhar das arvores do quintal. Se ella tivesse mãe ainda... E imaginava-a loira, boa, de uma doçura infinita, que lhe faria esquecer aquelle isolamento; deveria ser loira, de voz suave, como a voz d'elle, que soubera comovel-a até ao fundo da alma.

E os olhos cheios de lagrimas seguiam, inconscientes, ao longo dos salgueiros que baloiçavam vagarosamente lá em baixo, no valle, por onde o caçador desapparecera.

A' noite, quando desceu para a cosinha da herdade, soube quem era o desconhecido da montanha: tinha vindo passar uma temporada em casa do tio prior e era estudante.

Mais tarde...

Tantas sombras por aquellas devezas desertas! Quando as madrugadas frescas enchiam o nascente e os melros ensaiavam as primeiras modulações, havia sempre dois pastores para o mesmo rebanho; e pela tarde, ao descer do crepusculo, com o sussurrar monotono dos regatos casava-se o murmurio brando de duas vozes; e as ovelhinhas deitadas nas relvas remoiam, pacientemente, emquanto, aqui e alli, nos ramos dos choupos, um ou outro passarito curioso inclinava a cabeça, parecendo escutar estranhos ruidos de beijos que vinham de baixo.

«Ha dias do céu na terra...»

O tempo das férias passou: tres mezes de embriaguez, de sonhos. Depois... Depois veio o esquecimento. A quinteira expulsou-a, a gente da aldeia voltava-lhe as costas e o tio prior, uma tarde que a encontrou, disse-lhe brutalidades que a fizeram córar. Mais nada.

Em maio, na casa então abandonada e em ruinas, a mesma onde tinha nascido, duas creanças vinham á luz; e tempo depois ella esmolava pelos casaes, com os filhos nos braços.

Quando uma tarde vieram prevenir o prior de que a Perpetua perdera um dos pequenos, elle respondeu com um «raios a partam! Venha de lá mais essa estopada!»

Mas o boticario, presente, convenceu-o a mandar fazer o enterro.

—Não, diabo! Olhe o compadre prior que toda a gente da terra sabe do caso do seu sobrinho, e então... sim, não é lá muito bonito não fazer alguma cousa pelo petiz. Eu cá mandava-lhe a mortalha.

—Pois não deixa você de ter razão, não senhor. Vá lá para a mortalha. O diabo é a massada de subir o monte, com estes calores!

—Pois mande avisar para o sol posto, ao fugir da calma. E' até um passeiosito bem bom, pela fresca...

D'ahi a pouco o prior mandou pedir ao Leonardo quatro pequenos da escola para levarem o esquife.

No dia seguinte eram 7 horas quando o cortejo assomou ao principio da ladeira: o prior, homem alto, magro, trigueiro, de physionomia dura, um rapaz de *blouse* com a caldeirinha, a Parpetua, e os quatro pequeninos ás argolas do esquife—um esquife curto, de madeira tosca e descoberto, onde se via um cadaver de creança com as mãos em cruz.

De vez em quando o padre olhava para o alto do monte e resmungava entre dentes palavras confusas. A meio da ladeira parou.

—Parem ahi, vocês, oh garotada! Raios o partam, o excommungado do petiz!

E voltando-se para a rapariga que soluçava:

—Porque está você a chorar? Resigne-se que é a sua obrigação. Tambem a Virgem perdeu o filho e não rebentou com o desgosto... Ora o diabo!

A pastora fixou n'elle os olhos vermelhos, desvairados, como se não o entendesse.

D'ahi por meia hora o padre descia a encosta para a aldeia, e emquanto os rapazes, em grande algazarra, assaltavam os ninhos das arvores, a Perpetua, sentada n'uma pedra, fixava os olhos espantados e séccos, de expressão idiota, na terra humida, calcada pelo coveiro, sem que o som cavo da enxada batendo os torrões a chamasse á realidade.

—Prompto! Está ganho o dia.

E erguendo-se, ficou surprehendido de a ver ainda alli.

—Ora esta! Ainda ahi estás?! Pois, minha rica, este já não tornas a ver.

A orphã fixou-o estupidamente, sem ouvir. Mas de repente fez-se a luz no seu espirito em trévas e um grito de angustia subiu-lhe do fundo da alma aos labios:

—O meu filho!

Não poude dizer mais e cahiu de joelhos, pondo as mãos, como se quizesse gemer uma oração que nunca lhe ensinaram.

O velho coveiro, homem rude, sentiu-se abalado diante d'esta dôr real. Chegou-se brandamente, commovido, para a consolar.

—Tenha paciencia... Pois então. São coisas que acontecem á gente...

A pastora, ouvindo esta voz amiga, levantou para ele os olhos rasos d'agua.

—O meu filho...

—Sim, sim, mas é preciso viver, e viver para o outro pequeno que lá ficou em casa...

Ella baixou a cabeça, cravou o olhar de febre na cova e soluçou baixinho:

—O outro... Mas eu tinha aqui dentro amor bastante para os dois...

LORJÓ TAVARES.

O general Kaulbars deve chegar a Sofia na proxima sexta-feira de manhã.

Baden, 20.—O imperador Guilherme tomou hontem o chá com a imperatriz, e partirá para Berlim hoje, ás 5 horas e meia da tarde.

Paris, 20.—Um despacho de Viena para o *Journal des Débats* annuncia que entre os tres imperios está celebrado um acordo com as seguintes bases: Que a Russia não ocupará a Bulgaria, e que por sua parte a Austria e a Alemanha não reconhecerão nem a regencia nem a eleição do principe sem o assentimento da Russia, deixando a esta a iniciativa na escolha do principe que ha-de ocupar o trono bulgaro.

Andrinopla, 19.—A policia, em Filipopoli, prendeu no sabado á noite os chefes do partido da Russia.

Não se sabe para onde foram levados.

O consulado da Russia, n'aquela cidade, esteve n'essa noite guardado militarmente.

Berlim, 21.—Chegou esta manhã a Berlim o imperador Guilherme, gosando boa saude.

Um jornal bulgaro refere o pavoroso drama succedido em Dubnitza no dia da eleição para a grande assembleia, quando se travou conflito entre os dois partidos. Os partidarios da Russia eram mais fortes; trucidaram os dois deputados eleitos; um d'elles foi esquartejado, ao outro deceparam-lhe a cabeça, que depois espicaçaram com facas. O sub-prefeito e um professor foram tambem assassinados e depois cortados em pedaços, sendo estes arremassados ao rio.

Berlim, 21.—O imperador Guilherme, quasi imediatamente depois de ter chegado a Berlim, examinou os relatorios dos diversos ministerios, e recebeu varios personagens.

Londres, 21.—Ha uma troca ativa de comunicações entre a Turquia e a Inglaterra ácerca do Egito.

O general Roberto, comandante em chefe do exercito das Indias, irá substituir na Thirmania o falecido general Macpterson.

Londres, 22.—O correspondente do *Daily Chronicle*, em Viena, conta que se espalhou ali o boato de ter sido assassinado hontem o czar da Russia; mas o boato não se confirmou, e o correspondente crê que é uma versão transtornada d'um outro facto, que ele refere assim: Parece que a morte recente do conde de Reutern, a qual surprehendeu S. Petersburgo, foi devida ao czar, que, ao entrar no palacio em um estado de grande excitação, enganou-se com um gesto do conde de Reutern, e supondo que este ia a puxar por um revolver para lhe atirar, fez fogo sobre ele e matou-o.

S. Vicente, 21.—Segue d'este porto com destino a Lisboa o paquete *Elbe*, da Companhia da Mala Real Ingleza.

Carta de Lisboa

22 de outubro de 1886.

Continuando a falar-lhes de eleições devo dizer-lhes que ha muito quem acredite que existe certo pacto entre regeneradores e republicanos, que tem por base o combater os candidatos do governo. Eu pela minha parte não acredito em tal, mas já são taes e tantos os dislates da oposição regeneradora, que não será para admirar que assim venha a suceder.

— Causou aqui certa sensação um telegrama transmitido hoje pela Agencia Havas, em que se diz que o imperador da Russia acaba de cometer um homicidio. As noticias oficiaes nada dizem, segundo me afirmam, por isso o mais certo é que o tal homicidio não passe d'um enorme *canard*.

— A'cerca da morte d'um usurario, Antonio José de Carvalho, ha dias falecido, eis alguns pormenores curiosos:—Este homem morava na rua da Conceição da Gloria. Ocupava a casa toda, com excepção da loja, onde morava a mulher que o estava tratando. Parece que tinha mais sete predios em Lisboa, e além d'isso uma sofrivel fortuna em inscrições e objetos de ouro e prata. Em tempo queixou-se á policia de que lhe haviam furtado alguns d'esses papeis de credito, mas depois encontrou-os em sua propria casa, mas deu então por falta de um saco com dinheiro. Vivia miseravelmente e n'um abandono completo das mais simples prevenções higienicas. Ainda ha pouco tempo foi ali o sr. sub-delegado de saude, que mandou fazer uma limpeza radical na casa, sendo n'essa ocasião encontradas debaixo da cama ratoeiras com ratos que ele sustentava e que tinha como um dos seus mais divertidos passatempos. Não se lhe encontrou mais do que o fato com que foi amortalhado. O sr. juiz do julgado procedeu ao selamento de um bahú e duas caixas onde o usurario arrecadava os seus haveres, e fel-os depositar na esquadra de policia da rua de S. José. Depois de sair o feretro, procedeu-se ao trancamento das portas.

— Eis a lista dos condutores de minas, com as categorias, colocações e antiguidade relativa, que acaba de ser publicada oficialmente.

Condutores ordinarios.—Jorge Candido Berkhey Coter, Paulo Raimundo Dias de Almeida, José Maria Simões Junior, Luiz Filipe de Almeida Couceiro.

Condutores auxiliares, adidos.—Guilherme Gonçalves de Mendonça, João Augusto Barata.

Condutores subalternos.—Antonio Augusto Cesar de Almeida Rosa, Artur dos Martyres Ventura, Antonio Gomes da Silva, Julio Antonio Vieira da Silva Pinto, Alfredo Augusto de Moraes Carvalho, Antonio Maria de Mendonça.

Condutores subalternos, adidos.—Manuel Vieira Gomes Ribeiro, Abilio Augusto Cardoso Antunes, Pedro dos Santos Gomes, Julio Augusto de Oliveira Abade.

—Foram tambem assim colocados no quadro estabelecido pela nova organisação os engenheiros de minas: Inspetor, José Augusto Cesar das Neves Cabral; inspetor-adido, Joaquim Filipe Nery da Encarnação Delgado; engenheiros-chefes, Lourenço Augusto Pereira Malheiro, Pedro Vitor da Costa Sequeira e Francisco Ferreira Roqueto; engenheiros subalternos, Frederico de Albuquerque de Orey, marquez das Minas, Alfredo Bensaude, Severino Augusto da Fonseca Monteiro e Augusto Ferreira; engenheiros subalternos adidos, Alfredo Augusto Ferreira de Andrade, José Maria de Poega Lima, Constantino Aboim de Vasconcelos Leite Pereira e Francisco de Paula Oliveira.

— O sr. conde de S. Tiago vae ser agraciado com o titulo de marquez de Pombal, por ser o filho mais velho do ultimo marquez ha dias falecido.

— Foi nomeado intendente de pecuaria do districto de Castelo Branco, o sr. João Erancisco Tierno.

— Chegaram da India mais representações contra a concordata celebrada entre Portugal e o Vaticano, relativamente ao padroado no Oriente. A comunidade portugueza de Poona telegrafou ao Papa, participando-lhe que resistiria aos jesuitas sob perigo de um schisma.

— O sr. João Henrique dos Santos foi nomeado chefe da estação telegrafica principal de Lisboa.

— O sr. tenente Candido de Almeida desistiu de servir na guarda fiscal.

— Para substituir o chefe da 1.ª repartição da direção de contabilidade do ministerio da fazenda foi nomeado o 1.º oficial sr. Pedro Augusto de Figueiredo.

— Foi transferido dos Açores para o distrito de Viana do Castelo o 2.º oficial telegrafico sr. Francisco Joaquim da Costa Ferreira.

— Foi nomeado comandante do vapor da fiscalisação das ilhas, o sr. tenente Amaro Gomes.

— A familia real regressa de Cascaes no fim do corrente mez.

— A receita total aproximativa de toda a rêde da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, na semana decorrida desde 8 a 14 do corrente, foi de 78:520$000, mais 22:750$000 do que em igual semana do ano anterior.

— A comissão encarregada de propôr as alterações convenientes na ordenança geral da armada compõe-se dos srs. vice-almirante, conselheiro Andrade Pinto; capitão de mar e guerra, conselheiro Antonio do Nascimento Pereira de Sampaio; capitães de fragata Manuel Joaquim Ferreira Marques, Antonio Duarte Pedroso e Fernando Augusto da Costa Cabral; capitão-tenente Cypriano Lopes de Andrade; e 1.º tenente Carlos Candido dos Reis.

— Ativam-se os trabalhos para a partida da missão que vai instalar os serviços do novo distrito do Congo. Satisfazem-se as ultimas requisições e trata-se de preparar tudo para que até 6 de novembro se possam fazer para o Congo as ultimas remessas.

— Ficam em terra cerca de 200 passageiros que não têem lugar no paquete francez *Senegal*, que ámanhã deve tocar em Lisboa, com destino para o Brazil.

— No paquete francez *Gironde* chegou hontem do Rio de Janeiro o sr. conde de S. Salvador de Matosinhos, indo recebel-o a bordo o sr. conselheiro Peito de Carvalho, em nome do sr. ministro da fazenda. Foi tambem a bordo o sr. Gomes Neto, seu correspondente comercial n'esta cidade, bem como outras pessoas. A 25 ou 26 do corrente mez tenciona s. ex.ª ir para Matosinhos, onde se demorará alguns dias, regressando depois a Lisboa e contando estar aqui um mez, seguindo depois em digressão pela Europa.

— Do Brazil regressaram tambem os artistas das companhias dos teatros de D. Maria e Principe Real. Vieram todos de perfeita saude, excetuando o ator Silva Pereira, que se acha adoentado.

— Foi nomeada uma comissão para propôr as alterações na ordenança da armada.

— Foi nomeado primeiro oficial da direção geral dos correios o sr. Luiz Antonio Loureiro.

— Foi nomeado delegado maritimo em Cascaes o primeiro tenente o sr. Eduardo Cipriano Pacheco.

— Suspenderam-se temporariamente as encomendas postaes para Italia, Austria e Hungria.

— Foram concedidas licenças aos juizes de Vila Real, Pombal, Aldeia Galega e Santa Maria; aos delegados da Fronteira, Funchal, Louro, Penafiel, Porto de Moz e Vila Nova de Ourem; aos conservadores de Barcelos e Moimenta da Beira; ao escrivão Carvalho, de Porto de Moz; e ao contador de Melgaço.

— Foi nomeado sub-diretor do ministerio dos estrangeiros o sr. conde de Sabugosa.

— Terminaram o curso do colegio militar os alunos Eduardo Alfredo de Araujo Barbosa, José Freire do Andrade Betencourt, Barbosa Pego, José Pires, Antonio Pedro de Brito Aboim Vila Lobos, Joaquim Augusto do Nascimento, Alfredo Loureiro da Fonseca, Augusto Metzner, Victor Leite Sepulveda, Luiz Marreca da Trindade, José Ernesto de Sampaio, Lucio Carolino Melo Leite da Gama Lobo, Alberto Augusto de Almeida Teixeira, Sergio Pamplona de Faria, Oscar Cibrão e Garção.

— Foram admitidos ao concurso para aspirantes e medicos navaes os srs. Gabriel Afonso Ribeiro, José Augusto Abrantes Diniz, Francisco Xavier de Abreu e Couto Amorim Novaes, Antonio Augusto de Azevedo, Francisco da Silva Garcia, João Gualberto Pinto, José Jorge Pereira, Scipião José de Carvalho, José Maria de Moura.

— Da cadeia do Limoeiro foi removido para o hospital de Rilhafoles o preso Antonio Candido da Cruz, autor do roubo das estampilhas na casa da moeda.

— Faleceram: em Lisboa, o sr. Joaquim Chichorro da Costa, 1.º oficial reformado do ministerio da guerra; no Fundão, o sr. João Teles Trigueiros, juiz da Relação de Lisboa; e em Torres Novas, o sr. Angelo Ribeiro Couceiro, capitão de artilheria, e segundo me dizem, natural d'essa cidade.

— Foi nomeado administrador de Fafe o sr. Florencio Vieira Castro e substituto o sr. José Oliveira Basto.

Y.

Edital

O Recebedor da comarca d'Aveiro faz saber que pelo Escrivão de Fazenda d'este concelho lhe foram entregues os conhecimentos das contribuições industrial, de renda de casas e sumptuaria, e decima de juros, do corrente anno, e que o cofre estará aberto para a recepção dos referidos impostos por espaço de 30 dias, a contar de 2 de novembro a 1 de dezembro, inclusivé.

Aveiro 15 de Outubro de 1886.

J. E. d'Almeida Vilhena.

AVISO

O Recebedor da comarca d'Aveiro faz saber que até ao dia 31 d'outubro estará em cobrança a quarta e ultima prestação da contribuição predial de 1885, e que os conhecimentos que ficarem por cobrar serão relaxados imediatamente ao Poder Judicial, nos termos da legislação em vigor.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

LIVRARIA DE MELO GUIMARÃES

Aveiro

Almanack de Lembranças para 1887. Preço cartonado 320 e brochado 240 rs.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Preço da assignatura

Um anno	4$000
Seis mezes	2$100
Numero avulso	200

Assigna-se na livraria de E. Chardron—Lugan & Genelioux successores Porto.

CODIGO PENAL

APROVADO

Por Decreto de 16 de setembro de 1886

A' venda na livraria Gutenberg, rua da Cancela Velha, n.os 64 a 68.

Preço 200 reis, e pelo correio 220.

ANNUNCIOS

EDITAL

José Maria Barbosa de Magalhães, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, e presidente da comissão executiva da Junta Geral do distrito de Aveiro

246 FAÇO publico que, por motivo de serviço urgente, haverá no dia 26 do corrente mez uma sessão extraordinaria da mesma Comissão, á hora e no local do costume.

Aveiro, 23 de outubro de 1886.

José Maria Barbosa de Magalhães.

EDITAL

Rufino Cesar de Souza Monteiro, Vice-Presidente da Camara Municipal do concelho de Aveiro, em exercicio, no impedimento legal do respectivo.

244 FAÇO saber que, em virtude da requisição do ex.mo Governador Civil d'este districto, feita a pedido da Comissão Executiva da Junta Geral do mesmo districto d'Aveiro, e em cumprimento da resolução tomada pela Camara da minha presidencia, em sua sessão de 21 do corrente mez, se acha aberto o inquerito de 30 dias, para ser alterada a classificação da estrada distrital n.º 36-A, que da Giesta (estrada real n.º 43-A) vae ao porto do Boco, no concelho de Vagos, de modo que o seu terminus seja em Vagos, tendo por novos pontos obrigatorios as povoações do Boco e Sôza.

Quem tiver que reclamar contra esta pretendida alteração da referida classificação, devel-o-ha fazer n'esta Secretaria da Camara, dentro do referido prazo.

E para constar se passou o presente para ser publicado pela imprensa, e outros de egual teor, para serem afixados nos logares mais publicos do concelho.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal 22 de outubro de 1886. E eu Manuel Marques, amanuense, servindo de escrivão da Camara, no impedimento do respetivo, que o escrevi.

Servindo de Presidente da Camara

Rufino Cesar de Souza Monteiro.

EDITOS DE 10 DIAS

TRIBUNAL DO COMERCIO DA COMARCA D'AVEIRO

Escrivão—Duarte Silva

245 PELO tribunal do comercio de primeira instancia d'esta comarca e cartorio do escrivão privativo d'ele Duarte Silva correm seus devidos termos uns autos de execução comercial em que são exequentes José da Costa Carola Junior e mulher Rosa Ramos, e executados Joana Rosa da Conceição Barreto, viuva de José da Costa Carola Senior e herdeiros representantes d'este, todos da vila d'Ilhavo; e no mesmo processo correm editos de 10 dias, que começam a contar-se da publicação do 2.º anuncio no *Diario do Governo*, citando todos os credores que pretenderem deduzir preferencias ao produto de 3 quartas partes do casco, aparelhos e mais utensilios do hiate portuguez Flor d'Ilhavo, pertencentes que eram ao dito falecido José da Costa Carola Senior e as quaes foram arrestadas a requerimento dos exequentes e vendidas perante o tribunal do comercio da cidade de Lisboa pela quantia de reis 750$750, que deu entrada na Caixa Geral de Depositos por ordem d'aquele tribunal.

Aveiro, 19 de outubro de 1886.

O escrivão de direito,

Antonio Augusto Duarte Silva.

Verificado—*Costa e Almeida.*

LOMBRIGAS

134 NÃO ha remedio nem mais efficaz nem que tenha merecido mais elogios como as pastilhas vegetaes de Moura. Com o uso d'ellas a expulsão das lombrigas é certa, infallivel e rapida. Os muitos communicados que com tanta frequencia teem apparecido nos jornaes a respeito de seus maravilhosos effeitos, são a prova mais evidente da sua extraordinaria e incontestavel efficacia. Caixas de 100, 200 e 400 reis. No Porto, pharmacia de Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

São falsificadas as pastilhas em cujas caixas não for o nome de Felix & Filho.

A QUEM CONVIER

242 A Camara de Aveiro precisa contratar o fornecimento de 200 duzias de tabuado de soalho com as seguintes dimensões—cinco metros de comprido por 18 a 20 centimetros de largo com a respetiva espessura.

500 molhos de fasquio para estuque.

As pessoas que quizerem fazer este fornecimento poderão enviar as suas propostas ao presidente em carta fechada e até 25 do corrente. A madeira deve ser fornecida no praso de 60 dias e á proporsão que se for aprontando.

O preço é por duzia ou por metro cubico e a madeira da melhor qualidade possivel. Contrata porsões menores convindo ao fornecedor.

10

PILULAS DE BLANCARD

IODURETO DE FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK 1862 — PARIS 1866

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convem especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frias*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são ineficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das mulheres não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos ou flux blanc*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B.—O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reservativa, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto.

Pharmac. em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

ANNUNCIO

243 PELO Juizo de Direito da comarca d'Agueda e cartorio do escrivão—Fragoso—correm editos de 30 dias a contar do 2.º anuncio no *Diario do Governo*, citando os donos, possuidores ou interessados nos predios a expropriar e que tem de ser ocupados pela estrada n.º 31, da Mealhada a Oliveira d'Azemeis, no lanço do Sardão á ponte do Vale d'Agueda, e designadamente José de Souza Tudela de Lemos e Napoles, Manuel da Silva Ribeiro, Jaime da Silva Ribeiro, José Antonio Baldaia, José Ferreira Sucena, d'Agueda; Antonio Alves d'Oliveira, Manuel d'Andrade, Geraldo Antunes, Manuel José de Miranda, Maria José, Manuel Castanheira, da Borralha; José de Figueiredo Junior, do Sardão; José Ribeiro, de Recardães; e D.ª Ermelinda de Pinho, ou Pinto, d'Anadia, para na 1.ª audiencia, findo aquele praso, declararem a natureza, encargos e mais circumstancias das propriedades a expropriar e nomearem louvados que os avaliem, pena de revelia. As audiencias n'este Juizo fazem-se nas segundas e quintas-feiras de todas as semanas não sendo feriados ou santificados, porque sendo-o, se fazem nos imediatos, sempre por 10 horas da manhã, no Tribunal Judicial da comarca, sito na praça Velha d'esta villa.

Agueda 18 de outubro de 1886.

O escrivão

José Augusto Nunes Fragoso.

Verifiquei a exatidão—O Prezidente da Camara Municipal d'Agueda servindo de Juiz de Direito na comarca, *J. Camossa.*

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

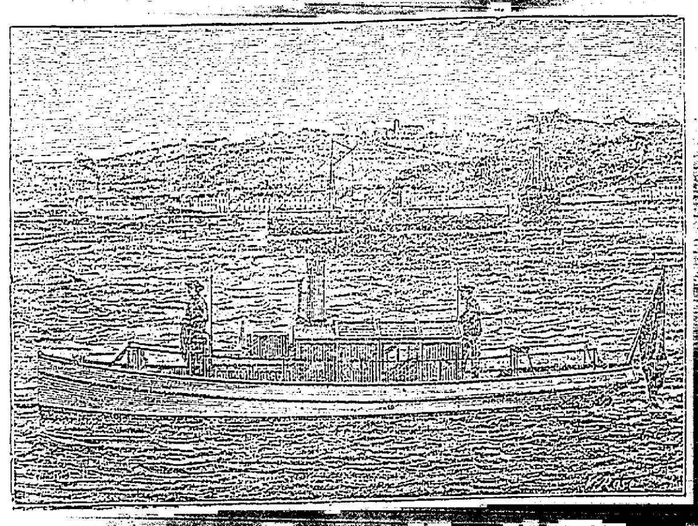
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS DE CAMINHOS DE FERRO

FUNDIÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES A PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor; construida em 1883, nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaes quer obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo. etc.

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro, Lisboa.

AS TOSSES

135 E TODOS os padecimentos das vias respiratorias, desapparecem rapida e completamente com o uso do xarope peitoral Moura. Este medicamento, que póde ser tambem administrado debaixo da fórma de pilulas, é de gosto muito agradavel e de effeito certo e seguro. O seu extraordinario consumo, sempre crescente e os numerosos attestados de distinctissimos facultativos e de muitas pessoas que teem feito uso d'este precioso medicamento com o melhor resultado curativo, provam á evidencia a sua grande efficacia. Deposito geral no Porto, Felix & Filho. Preço 500 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

E' falsificado o xarope em cujos frascos não for o nome Felix & Filho.

As pessoas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR DEHAUT DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomecar tantas vezes quanto for necessario. 5 fr. e 2 fr. 50

21 **ASPHALTO**

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este generó. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Feruginosa da Pharmacia Franco, unica legalmente autorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte, e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveitando modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas creanças, anemicos, e em geral nos debilitados qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está deposito em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior. 23

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

ACABAM OS CALLOS

133 COM a applicação do empelastro preparado por Felix & Filho, desapparecem rapidamente os callos. No Porto, pharmacia de Felix & Filho. Preço 300 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

137 **ASTHMA E CATARRHO** Curados com os **CIGARROS ESPIC** Em França 2 fr. a CAIXA

Oppressões, Toxes, Constipações, Nevralgias

Em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil.-Paris. Venda por grosso, J. ESPIC, Rue St-Lazare, 20. *Exigir esta assignatura sobre cada Cigarro.*

NOVO DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Rua Direita—Aveiro

Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pelo sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

COMPANHIA FABRIL SINGER

MAQUINAS PARA COSER "SINGER" PARA FAMILIAS E INDUSTRIAES

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VENDE VER AS

Excelentes e ainda não igualadas maquinas de coser de LANÇADEIRA OSCILANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.

Não precisa encher canhila nem enliar a lançadeira.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem igual.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu maquinismo é ajustavel e com o uso e os anos *está a maquina sempre perfeita.*

GARANTIDA POR 12 ANOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior á medalha d'ouro

SINGER

Para familias, asfuiates, modistas, chapeleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende directamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINGER

Vendeu só no ano de 1884 a enorme quantidade de 620:382 maquinas! devido isto á sua grande aceitação, suplantando assim todos os outros sistemas modernos, que jámais poderão competir com a maquina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhum conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.